

CAMPUS-BAIRRO

Contributo para uma identidade do Pólo da Ajuda

Maria Raquel Timóteo Cardoso Ferreira (Licenciada)
Dissertação e Projecto para a obtenção do Grau Mestre em Arquitectura
(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador científico: Professor Associado Convidado Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-orientador: Professor Auxiliar José Nuno Dinis Cabral Beirão

Júri:

Presidente: Professor Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Vogal: Professor Doutor Pedro Belo Ravara

Orientador: Professor Associado Convidado Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

A realização da dissertação deve-se ao acompanhamento de vários intervenientes.

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os Professores que me acompanharam ao longo do curso e nesta fase final, principalmente aos Professores Nuno Mateus e José Nuno Beirão. Reconhece-se a ajuda essencial dos Professores Rui Barreiros Duarte, Pedro Abreu, Maria Manuela Mendes e José Gorjão Jorge.

Um especial obrigado ao Professor Diogo Burnay.

A todos os meus colegas que participaram activamente no meu percurso, em especial Ana Rita Ramalho, Vanessa Almeida, Mariana Martins, Joana Anjos, Marta Bruschy da Fonseca, Frederico Vicente, Ana Paisano, Ana Beatriz Velosa e Hélio Primo Soares.

A todos os meus amigos, em especial à Joana Faria.

À minha família, principalmente à minha mãe, que se mostrou disponível incondicionalmente e que me acompanhou em todas as dificuldades e triunfos.

Campus-Bairro: Contributo para uma identidade no Pólo da Ajuda

Maria Raquel Timóteo Cardoso Ferreira

Orientador científico: Professor Associado Convidado Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-orientador: Professor Auxiliar José Nuno Dinis Cabral Beirão

Mestrado Integrado em Arquitectura

Número de Palavras: 269

Palavras-chave: bairro, percurso, limite, espaços de encontro, vistas

O Pólo da Ajuda actualmente encontra-se desintegrado e desarticulado da cidade e do parque. É através do estudo da história deste local que se compreende o carácter temporário das construções na área em estudo. Para colmatar as lacunas observadas, foi proposto trabalhar a ideia de um Bairro Universitário no Pólo da Ajuda, fomentando a sua identidade. Para compreender esta ideia, a investigação aborda os conceitos de identidade, bairro, campus universitário e exemplos aproximados de bairros universitários.

O projecto de Augusto Pereira Brandão, da Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, nunca foi terminado e a sua apropriação posterior evidencia-se divorciada das intenções originais do arquitecto. Através do estudo de duas faculdades de arquitectura distintas como casos de referência, propõe-se investigar o conceito de "bairro" no projecto de extensão da Faculdade de Arquitectura, ajustando as necessidades actuais e promovendo o encontro entre os alunos, professores e funcionários da faculdade, desenvolvendo o potencial de vivência que decorre da sua relação paisagística excepcional bem como redefinir a sua presença urbana.

Para ambos os projectos, foi sentida a necessidade de investigar alguns outros elementos preponderantes para a fundamentação das opções de projecto: morfologia, ruas, espaço público e limites.

São ainda apresentados três casos de estudo sobre bairros: um através de inquéritos na cidade de Coruña; outro através de questionários via on-line sobre os bairros de Lisboa; e finalmente um trabalho de campo realizado por alunos sobre os bairros envolventes da zona em estudo.

Finalmente é apresentada a metodologia do processo de projecto, e a argumentação dos projectos, baseada esta na investigação, com o auxílio de diagramas explicativos para uma melhor compreensão dos factos apresentados.

Campus-Neighborhood: Contribution to an identity in Pólo da Ajuda

Maria Raquel Timóteo Cardoso Ferreira

Supervisor: Professor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-supervisor: Professor José Nuno Beirão

Master's Degree in Architecture

Number of words: 273

Keywords: neighborhood, route, boundary, meeting places, sights

The Pólo da Ajuda is currently unarticulated and disintegrated from the city and the park. It is through the study of the history of this place that we can understand the temporary nature of the buildings in the study area. To foster its identity, it was proposed the idea of an University Neighborhood in Pólo da Ajuda, by filling the existing gaps. To understand this idea, the research addresses the concepts of identity, neighborhood, campus and examples of university campuses close to the concept of university neighborhoods.

The Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa design, by Augusto Pereira Brandão was never completed and its posterior appropriation shows up divorced from the original intentions of the architect. Through the study of two distinct faculties of architecture as reference cases, this study proposes to investigate the concept of "neighborhood" in the extension project of the Faculty of Architecture, by adjusting the current needs and promoting encounter between students, teachers and staff, developing the potential experience that stems from its exceptional relation with the landscape while redefining its urban presence.

For both projects, need was felt to investigate some other prevalent elements as a justification of the design options: morphology, streets, public space and boundaries.

It also presents three case study neighborhoods: one through surveys in the city of Coruña, another through questionnaires via online about neighborhoods of Lisbon, and finally a field study conducted by students on the neighborhoods' surrounding areas.

Finally is presented the methodology of the design process, and the project's arguments, this last one based on this research, with the aid of explanatory diagrams for a better understanding of the facts presented.

Introdução	7
Breve história da zona em estudo	9
Estado da Arte	11
Introdução	11
1. Conceitos	11
1.1. Identidade	12
1.2. Bairro	14
1.2.1. Contextualização	14
1.2.2. Contacto social e privacidade	17
1.2.3. Homogeneidade e heterogeneidade social	18
1.3. Campus	20
1.3.1. Harvard University	20
1.3.2. Middle East Technical University (METU)	22
1.4. Faculdade de Arquitectura	23
1.4.1. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP)	23
1.4.2. Faculdade de Arquitectura da Delft University of Technology (BK City)	25
2. Elementos da cidade	28
2.1. Morfologia	28
2.2. Ruas	32
2.3. Espaço público	34
2.4. Limites	35
3. Casos de Estudo	38
3.1. Estudo da Cidade de Coruña	38
3.2. “Bairros em Lisboa, 2012” (Colóquio: As cumplicidades de Bairro)	39
3.3. Estudo dos bairros envolventes do Pólo Universitário da Ajuda	40
Metodologia	42
Projecto	44
1. Proposta Urbana	44
1.1. Campo (parque)	44
1.2. Cidade	45
1.2.1. Organização	45
1.2.1.1. Malha urbana, ruas e espaço público	45
1.2.1.2. Forma do edificado	46
1.2.1.3. Programa do Campus-bairro e os seus limites	47
1.2.2. Temporalidade	48
1.2.3. Classes sociais e gerações	49

2. Proposta Arquitectónica	51
2.1. Projecto de Augusto Pereira Brandão e a Faculdade de Arquitectura hoje	51
2.2. A proposta	52
2.2.1. Limites	53
2.2.2. Forma do edificado	54
2.2.2.1. Percursos exteriores e espaço público	54
2.2.2.2. Programa e circulação interior	54
2.2.2.2.1. Edifício Oeste	55
2.2.2.2.2. Edifício Este	57
2.2.3. Materialidade	58
Considerações Finais	59
Referências bibliográficas	61
Anexos	63
1. Maquetas de estudo	63
2. Maquetas finais	63
2.1. Proposta Urbana - Escala 1/1000	65
2.2. Proposta Arquitectónica - Escala 1/250	66
Suplemento Gráfico	68

"Carácter anónimo, superficial e efémero das relações sociais, que tendem a tornar-se essencialmente segmentares, utilitárias e racionais; multiplicação dos papéis e das pertenças em que o indivíduo não investe senão uma parte de si próprio; substituição dos laços comunitários primitivos pela associação de base racional, pelos mecanismos de delegação e de representação; realização do indivíduo cujas singularidades são valorizadas, mas também nivelamento e massificação das opiniões e dos comportamentos." (Grafmeyer e Joseph, 1990)¹

Esta é seguramente, uma clara definição geral da cidade contemporânea. Nela valoriza-se a heterogeneidade, a dispersão, a mobilidade, o individualismo e o anonimato. Lisboa não é excepção. No entanto, existem pequenos aglomerados, distintos uns dos outros, que evidenciam uma vivência particular. *"Lisboa são seus bairros..."*², ouviu Marluce Menezes uma vez na rua. Entrar num bairro, seja ele qual for, é entrar numa outra dimensão, numa outra "cidade". Os bairros desmistificam a ideia geral da cidade, remetendo a um sentido identitário muito próprio, onde os comportamentos sociais, os rituais associados à memória e a organização espacial os distinguem. Cada bairro é um bairro, mas todos eles partilham uma vivência distinta de qualquer outra parte da cidade.

A área de intervenção localiza-se no Alto da Ajuda, na freguesia da Ajuda, no concelho de Lisboa. Apresenta um local com uma topografia acidentada, sendo um lugar privilegiado de vistas para a frente ribeirinha e para a zona histórica - que compreende o Palácio da Ajuda e a Torre do Galo. O edificado existente é constituído por equipamentos públicos - como as Faculdades de Arquitectura, Medicina Veterinária e o ISCSP, uma cantina e o CEDAR - os Bairros 2 de Maio e o Casalinho da Ajuda, e um espaço residencial a sul. A norte é o limite do Parque Florestal de Monsanto.

A aceleração do processo de urbanização, de forma indisciplinada e dispersiva, levou a uma irracional ocupação dos solos, contribuindo para uma deficiente inserção do Pólo Universitário na Ajuda. A zona evidencia muitos vazios expectantes e espaços desarticulados, potenciando o isolamento dos edifícios existentes.

A zona de intervenção apresenta um conjunto de problemas que exigem um estudo profundo e a urgência na sua intervenção. A necessidade de intervenção deve-se principalmente a:

- identificação de edifícios dispersos sem ligação entre eles - logo, isolados -, como acontece com as faculdades;
- má integração e desvalorização da zona histórica envolvente;
- interrupção do Parque Natural de Monsanto pelo Campus Universitário.

¹ SILVANO, Filomena - *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*. Lisboa: Celta Editora, 2001

² Partilha de Marluce Menezes na sua participação no Colóquio "As Cumplicidades de Bairro"

Esta área já foi alvo de alguns estudos e projectos, nomeadamente o Plano de Gonçalo Byrne, mais direccionado para a zona envolvente do Palácio da Ajuda e, especificamente, para a área do Pólo Universitário; o Plano de Pormenor de 1993, de Sidónio Parda. No entanto, o PDML em vigor apresenta a revogação do plano referido. (alínea c, nº2 do artigo 5 do PDM). Hoje em dia não existe um plano oficial para a zona em estudo, apenas linhas orientadoras gerais para a cidade de Lisboa e particularmente na UOPG 9 - Ocidental (Unidade Operativa de Planeamento e Gestão) no recente PDML 2012.

É necessário não esquecer a presença de uma intervenção relativamente aos Bairros 2 de Maio e Casalinho da Ajuda, que são áreas identificadas como BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária), encontrando-se isolados da cidade.

Actualmente, o Pólo Universitário da Ajuda é um lugar isolado da cidade e, ao mesmo tempo, isolado do campo. Apenas os utilizadores dos diferentes equipamentos públicos existentes se dirigem a esta zona. Raras vezes indivíduos exteriores a este círculo se encontram neste espaço tão privilegiado, mas tão esquecido. As ruas são locais de passagem (quase exclusivamente motorizada), os vazios não são valorizados. O Pólo Universitário carece de espaços onde seja possível o relacionamento interpessoal e a relação com o ambiente. Resta apenas uma vista deslumbrante para o rio e para o Palácio. Devido aos vazios expectantes, à dificuldade de acesso ao Pólo, entre outras características, é muito difícil avaliar a identidade do Pólo Universitário hoje em dia. Apenas se sente aquilo que foi descrito como definição da cidade enunciado no início do trabalho.

Como proposta urbana sugere-se a criação de uma identidade de bairro no Pólo Universitário, tornando-o num Campus-Bairro, estabelecendo uma ligação campo-cidade e promovendo o contacto entre estudantes, professores e investigadores que frequentam as faculdades e os moradores da residência e da envolvente urbana. Pretende-se também criar condições para que as pessoas fora do meio venham vivenciar este espaço, potenciando espaços de permanência e requalificando os espaços de articulações. Conferir um valor simbólico de referência cultural para a cidade será um dos objectivos prementes nesta intervenção. Deve portanto construir-se um programa estruturante e fundamentar a construção do mesmo.

Ao nível da proposta arquitectónica propõe-se a extensão da Faculdade de Arquitectura, edifício que nunca se construiu na totalidade, procurando afirmar uma identidade urbana própria, colmando algumas carências de espaços necessários para o seu bom funcionamento. Para esta é desenvolvida também a ideia estruturante de bairro, promovendo o contacto entre estudantes, professores e investigadores.

BREVE HISTÓRIA DA ZONA EM ESTUDO

A integração da área em análise na cidade foi relativamente tardia. Antes do terramoto de 1755, a zona era um espaço de reflexão e isolamento, uma vez que apresentava características que promoviam essas actividades - topografia acidentada, proximidade com o rio e abundância de vegetação (florestas e bosques). Era essencialmente ocupada por conventos, mosteiros, igrejas, quintas senhoriais e por um forte (Torre de Belém). Para além da defesa do território, o terreno servia também para cultivo e caça.

Depois do terramoto de 1755, a população teve tendência a estabelecer-se num sítio seguro, habitando numa cota mais elevada. A família real instalou-se num abrigo provisório chamado Real Barraca, no lugar onde posteriormente se contruiu o Palácio da Ajuda. Foi a primeira grande manifestação de fixação nesta área, que se revelava como uma zona nobre dos subúrbios da cidade. A sul do Palácio, surgiu o primeiro aglomerado - o Bairro da Ajuda -, uma vez que era necessário mão-de-obra para a construção do mesmo. Foi construída a Igreja da Memória, em 1760, e surgem outros edifícios que a circundam. Foi criada uma das principais vias - a Calçada da Ajuda - permitindo a ligação entre Belém e o Palácio. Em 1762, a Ajuda torna-se parte do concelho de Lisboa.

Após a instalação da família real no Palácio - e por influência desta - outros palácios burgueses foram construídos para a corte, quartéis, Hospital Egas Moniz, armazéns e instalações navais na zona ribeirinha do Tejo.



Figura 1 - Levantamento Cartográfico da cidade de Lisboa - Silva Pinto 1904-1911

Retirado do trabalho de Ana Reis, Ana Rita Ramalho e Irene Manera; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Cartografia e Iconografia.

Em 1948 foi aprovado o Plano Director de Urbanização produzido por Etienne de Groer, onde seria prevista a construção de bairros económicos, como o do Alto da Ajuda, o da Boa Hora, o de Belém, o do Restelo, o de Caselas, o do Alvito, e um bairro municipal, o do Caramão da Ajuda. Devido ao aumento da densidade populacional, à imigração e ao tráfego mais intenso, foram criadas outras ruas e outros bairros de carácter social a Norte do Palácio, nomeadamente o Bairro do Casalinho da Ajuda e o 2 de Maio.

Em 1993, A Faculdade de Arquitectura foi construída e, no mesmo ano, foi aprovado o Plano de Pormenor de Sidónio Pardal para o Pólo Universitário. Este nunca se cumpriu e, no PDM de 2012, foi revogado. Entretanto, foram também construídas as Faculdades de Medicina Veterinária e o ISCSP. O Pólo Universitário hoje é circundado pelo Parque Florestal de Monsanto, pelos bairros Alto da Ajuda, 2 de Maio e Casalinho da Ajuda; a Sul encontra-se o Palácio da Ajuda.



Figura 2 - Evolução cronológica urbana da cidade de Lisboa

Retirado do trabalho de Ana Reis, Ana Rita Ramalho e Irene Manera; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Cartografia e Iconografia

Hoje em dia, é possível verificar-se que diferentes soluções foram propostas, mas nada resultou completo nem definitivo. Desde a construção do Palácio da Ajuda deixada a meio, até ao Jardim Botânico da Ajuda; passando por ruas a desembocar em becos, ligações mal consolidadas, o próprio Pólo Universitário, o Bairro 2 de Maio sem plano, instalação de edifícios não planeados, como outras situações, levam a crer que a topografia acidentada deverá ser uma das causas para estes efeitos, e a que também não são alheias as razões económicas. Os planos são inconsequentes ou não são aplicados, revelando uma grande quantidade de limitações e carências ou têm um carácter "provisório". Em qualquer caso, revela-se sempre uma zona que escapa no tempo às eventuais políticas de organização do território.

Introdução

O Estado da Arte deste trabalho compreende várias temáticas que ajudaram no desenvolvimento das propostas urbana e arquitectónica.

Numa primeira fase, foi observada a necessidade de especificar conceitos relevantes para o mesmo:

- Identidade - explora-se a importância da identidade dos lugares e a sua influência no Homem;
- Bairro - compreender que o bairro hoje deve ser encarado de forma distinta da tradicional, devido aos novos paradigmas;
- Campus - perceber de que forma surgiu o Campus Universitário, exemplificando dois distintos, que se assemelham a Bairros Universitários;
- Faculdade de Arquitectura - apresentam-se dois exemplos de faculdades que foram preponderantes nas decisões de projecto na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Seguidamente, apresentam-se os seguintes elementos da cidade a ter em atenção para uma proposta clara e eficaz:

- Morfologia - compreender a estrutura das formas da cidade em diferentes tempos;
- Ruas - apresentar a relevância das ruas numa determinada zona da cidade e a forma como devem ser trabalhadas para atingir os fins pretendidos;
- Espaço público - perceber a importância do espaço público nas cidades e a forma como devem ser trabalhados para evitar espaços desertos;
- Limites - clarificar a importância de limites bem definidos dos diversos lugares.

Finalmente, apresentam-se três casos de estudo referenciais:

- o primeiro foi realizado através de inquéritos aos habitantes dos bairros da cidade de Coruña;
- o segundo questiona a ideia de bairro em Lisboa através de um inquérito on-line;
- o último é um trabalho de investigação, levado a cabo por um grupo de alunos do 5ºB da FAUL, sobre os bairros na envolvente do Pólo Universitário da Ajuda, realizado no primeiro semestre do ano lectivo 2012/13 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI e que serviu de base operativa a este projecto.

1. CONCEITOS

1.1. Identidade

A identidade é um conceito que se foi alterando ao longo dos tempos. Lévi-Strauss (1955) afirma que o espaço determina a identidade do grupo de indivíduos que o usa. Este autor dá-nos o exemplo de uma tribo que foi convertida através da destruição da organização espacial da aldeia, contribuindo para a perda das tradições e rituais: *"Destruíam o "espelho" que lhes permitia, apesar das imagens deformadas, olharem-se na sua própria cultura, e conduziam-nos por isso a processos violentos de perda de identidade."*³

Manuel Castells afirma que a identidade é fonte de significado pelos indivíduos de uma determinada sociedade, criada por eles e *"construída através de um processo de individualização."*⁴, podendo influenciar os papéis e comportamentos dos mesmos. Defende que existe uma *identidade primária auto-sustentável*, que vai resistindo ao tempo e ao espaço. Afirma ainda que não há dúvida de que é possível construir-se identidades. A questão é *"como, a partir de quê, por quem, e para quê"*⁵.

*"A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso".*⁶

Reconhecendo que a relação espaço/Homem não é a única relação que constitui identidades, Filomena Silvano defende que *"a identidade passa a ser um objecto complexo e multifacetado, passível de ser abordado a partir de diversos pontos de vista"*⁷. Perante este argumento, Silvano conclui que as sociedades enfrentam hoje o problema da pluralidade dos componentes passíveis de constituírem identidades. No entanto, as sociedades contemporâneas tentam contornar esta situação: hoje estão organizadas em diferentes comunidades, diferentes quadros de valores e diferentes figuras de identificação; cada indivíduo tem a liberdade de escolher que comunidade, quadro de valores ou figuras com que se identifica; essas escolhas não estão sujeitas a uma concepção unitária e coerente. Finalmente, os indivíduos podem criar, por si próprios, a sua "constelação identitária". Há mais oferta, logo, mais escolha, resultando numa diversidade de identidades.

*"Falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, antes significando individualidade ou particularidade."*⁸

³SILVANO, Filomena - *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*. Lisboa: Celta Editora, 2001

⁴CASTELLS, Manuel - *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

⁵Ibid.

⁶Ibid.

⁷SILVANO, Filomena - *Territórios da Identidade*. Oeiras: Celta Editora, 1997

⁸LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009

Segundo Lynch, todos os indivíduos estabelecem relações com determinadas zonas da cidade, de que possuem memórias e significados. Cada lugar tem uma estrutura e uma história que influenciam a componente emocional do Homem. No entanto, afirma que a imagem da cidade deverá ser clara, legível e característica. Desta forma, o Homem sente-se seguro, permitindo a sua experiência profunda e intensa no meio ambiente.

*"Sem artifícios, a memória das coisas não sobreviveria. Porquê? Porque memória é fixação e a vida é dinamismo. (...) As coisas modificam-se mas não perdem a sua identidade."*⁹

Gorjão Jorge afirma que o mundo está em mudança permanente e, para que a memória sobreviva às várias gerações, é necessário associar a memória ao património. Aldo Rossi também defende esta ideia, sendo que os monumentos contribuem para a manifestação dos rituais que passam de geração em geração: *"(...)se o rito é o elemento permanente e conservador do mito, também o é o monumento, o qual, no próprio momento em que testemunha o mito, torna possíveis as formas rituais."*¹⁰

A identidade é um conceito passível de ser visto em dois sentidos: a identidade de um lugar - como objecto único e singular - e a identificação de alguém ou de um colectivo com o lugar. Ambos podem tomar muitas formas, dependendo da estrutura dos lugares e do contexto histórico dos mesmos, entre outros factores enunciados. O Homem estabelece uma ligação emocional com um lugar se este se apresentar característico e único. Assim, o Homem sente-se seguro e integrado nas tradições de uma determinada cultura.

Com o tempo alteram-se os paradigmas, mas é através da memória e dos rituais que a identidade se preserva. E, para isso, é necessário haver ícones simbólicos, como um monumento. Desta forma, a estrutura dos espaços tem um papel determinante, uma vez que *"A arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos."*¹¹

⁹ JORGE, José Gorjão - *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007

¹⁰ ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001

¹¹ Ibid.

1.2. Bairro

1.2.1. Contextualização

"O Bairro é ...

- Uma malha urbana composta por ruas e edifícios com espessura temporal e arquitectónica.
- Uma unidade de base da vida urbana, que não corresponde a uma definição político-administrativa nem é um simples suporte físico de um grupo populacional.
- Uma área sem demarcação territorial, mas delimitada na memória e no imaginário colectivo dos seus residentes.
- Um referencial geográfico onde se observa a sobreposição de temporalidades, espacialidades e sociabilidades diversas.
- Um lugar que promove a criação de marcas identitárias partilhadas no colectivo e reconhecidas no exterior.
- Uma realidade que permite a intersecção da objectividade da vida social com as subjectividades da sua representação.
- Um sítio onde se "cresce" pessoal e socialmente e onde se criam memórias.

Uma ideia que é facilmente identificável mas dificilmente definível."¹²

Um dos estudos apresentados no Colóquio "Cumplicidades de Bairro" tenta definir o bairro segundo as premissas anteriormente referidas. Assume que é um conceito de definição incerta, mas de fácil compreensão.

Mike Jenks e Nicola Dempsey¹³ afirmam que o bairro é conceito ambíguo e não existe consenso na sua definição. Nem como identificá-lo espacialmente. Na sua pesquisa, evidenciam as teorias existentes sobre o conceito de bairro. Desde o século XV que o termo bairro surge para descrever uma determinada área e os seus residentes em particular, tanto de forma rural como urbana (OED, 2005). Mais tarde, tem-se defendido que o bairro é uma construção totalmente urbana (Stuffles, 1972) e na linguagem corrente invariavelmente se refere a zonas localizadas nos centros urbanos (Barton, 2000). Os bairros são predominantemente zonas residenciais - Hallman (1984) refere que *"the territory becomes a neighborhood only through occupancy and use by its residents"*¹⁴. Um bairro tanto é definido como um distrito - uma construção física, descrevendo a área onde as pessoas vivem - assim como uma comunidade - uma construção social, descrevendo as pessoas que lá vivem. (Briggs, 1997; Galster, 2001). O que torna imprecisa a definição deste termo deve-se aos diferentes desenhos urbanos, planeamentos e culturas sociais (Barton, 2000).

¹² Reflexão retirada de uma apresentação realizada no Colóquio "Cumplicidades de Bairro"

¹³ JENKS, Mike; DEMPSEY, Nicola - *Challenges for empirical research*. Oxford: Oxford Brooks University, 2007

¹⁴ Ibid.

Frederick R. Steiner e Kent Butler¹⁵ também defendem que não existe uma definição universal do conceito de bairro. O planeamento de um bairro, o processo de identificação e a sua definição devem ser considerados como um processo heurístico, através de uma compreensão teórica de "bairro" e uma informação a nível ecológico, demográfico, social, institucional, económico, cultural e político que existem na área. Portanto, a definição de um bairro é um produto de dois contextos: social e espacial, que são indissociáveis entre si.

Kevin Lynch considera o bairro como um elemento base para a constituição de uma boa imagem da cidade. Este afirma que são regiões urbanas, de tamanho médio ou grande, onde se reconhece uma nova ambiência quando se entra num. Os bairros contêm todos os outros elementos especificados pelo autor como estruturantes das cidades: *"Os bairros contêm cruzamentos na sua estrutura, são demarcados por limites, cruzados por vias e salpicados por elementos marcantes"*¹⁶

Fisicamente, os bairros são diferenciados de acordo com características específicas do mesmo que variam entre *"textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, utilizações, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia."*¹⁷.

Inspirados pelos elementos da cidade de Kevin Lynch, Andrés Duany e Elizabeth Plater-Zyberk (1993) distribuem o espaço urbano em elementos distintos: bairros, distritos, limites e corredores. Os autores classicam os bairros como áreas urbanizadas com uma mistura equilibrada de usos, os distritos como áreas de um único uso, e corredores como conectores e separadores de bairros e distritos.

O ideal de bairro, para os autores, é o de um espaço pequeno - 5 minutos a pé desde o centro ao limite -, diversificado (diferentes habitações, locais de trabalho, zonas verdes e serviços públicos, como escolas e igrejas); o centro dominado por serviços e espaços públicos, e os limites demarcados por florestas e campo ou uma auto-estrada e linha férrea). As ruas (corredores) deverão apresentar oportunidades para circular a pé, de bicicleta, de carro e de transportes públicos para o local de trabalho, escolas, comércio e espaços de lazer. Os urbanistas acreditam que estes factores contrariam a visão da cidade hoje: espaços homogéneos, auto-suficientes, com isolamento, poucos espaços públicos, sem limites e centros definidos.¹⁸

Para Christopher Alexander, *"people need an identifiable spatial unit to belong to"*¹⁹. Para distinguir esse espaço de outros é necessário uma população pequena, uma área também de tamanho reduzido e, finalmente, ruas que apresentem um tráfego pouco intenso, pois o

¹⁵ STEINER, Frederick R., BUTLER, Kent - *Planning and Urban Design Standards*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007

¹⁶ LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009

¹⁷ Ibid.

¹⁸ LEGATES, Richard T., STOUT, Frederic - *The City Reader*. New York: Routledge, 1996

¹⁹ ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

contrário destrói o bairro. O autor apresenta-nos um estudo de Appleyard e Linteli, que chegaram à conclusão de que quanto maior o fluxo de automóveis, menor o sentimento de pertença ao espaço, pois ninguém oferece ajuda aos visitantes e os habitantes afirmam que é impessoal, público e o ruído entra nas suas casas. Se o tráfego for moderado, as pessoas ainda não se sentem numa comunidade mas cumprimentam-se: "It's a medium place - doesn't required any thought.". Quando há pouco trânsito, as pessoas conhecem-se e são amigáveis. Para o autor, um bairro identificável deverá ter no máximo 300 metros de diâmetro, população máxima de 500 habitantes e afastar as ruas principais do interior do mesmo.

Ao contrário das teorias de Christopher Alexander e de Andrés Duany e Elizabeth Plater-Zyberk relativamente ao tamanho de um bairro, Frederick R. Steiner e Kent Butler²⁰ afirmam que a sua área depende da estratégia de intervenção e o que representam na cidade. Apresentam três tipos:

"Face-block" - definido como dois lados de uma rua e cujo objectivo se foca nas relações interpessoais, promovendo uma participação individual activa. Para isso, é necessário uma escala pequena, sem influência sobre a comunidade exterior;

Bairro residencial - deverá ter edifícios residenciais - vários "face-blocks", serviços como zonas verdes, comércio, e acesso de transporte público, permitindo aos seus moradores maior qualidade de vida;

Bairro institucional - com uma escala maior, tem um estatuto oficial como uma sub-área da cidade. É composto por bairros residenciais, escolas, hospitais e clínicas, entre outros usos.

Jane Jacobs referencia que os modelos tradicionais do bairro estão em desuso devido à mobilidade. Segundo a autora, a teoria urbanística ortodoxa baseia a mesma segundo um modelo de bairro que considera ser acolhedor e voltado para si: *"Na forma original, o modelo consiste uma unidade de vizinhança, constituída por cerca de 7 mil pessoas, que tenha tamanho suficiente para conter uma escola elementar e para manter lojas de conveniência e um centro comunitário. (...) Esse "ideal" de bairro em forma de ilha, voltado para si mesmo, é um factor importante de vida actual."*²¹

No entanto, esse ideal apenas faz sentido em cidades pequenas, de 5 a 10 mil habitantes, e torna-se absurdo quando é pensado para bairros dentro de uma metrópole. A dinâmica de uma cidade permite aos moradores do bairro ter laços exteriores aos do mesmo, ao contrário dessas cidades pequenas cujos laços e vivências são realizadas dentro do perímetro. Seguidamente há a questão do "estranho", que é bastante comum nas metrópoles. Logo, Jacobs defende que *"devemos refutar qualquer modelo que encare os bairros como unidades auto-suficientes ou introvertidas"*²², pois não podem interferir com a mobilidade e os fluxos das

²⁰ STEINER, Frederick R., BUTLER, Kent - *Planning and Urban Design Standards*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007

²¹ JACOBS, Jane - *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

²² Ibid.

peessoas que vivem na cidade. *"Os bairros metropolitanos não precisam proporcionar a seus moradores uma imitação da vida das vilas ou das cidades de pequeno porte, e desejar que isso aconteça é tão inútil como prejudicial."*²³

Jacobs conclui que o planeamento de bairros eficientes deverá preocupar-se em criar ruas atractivas e movimentadas; promover uma malha contínua por todo o distrito com um tamanho e poder necessários para a possibilidade de se constituir uma subcidade; criar espaços e edifícios públicos nas ruas pertencentes a essa malha, propiciando a multiplicidade de actividades e usos; e finalmente protenciar a sua identidade funcional. *"Uma cidade não é um conjunto de cidadezinhas repetitivas. Um distrito atraente tem características próprias e especialidades próprias."*²⁴. Mas, para manter um bairro com um número de moradores que não saiam do mesmo, a cidade deverá contribuir, na medida em que deverá apresentar motivos para a mobilidade e fluxos na mesma.

1.2.2. Contacto social e privacidade

Rémy e Voyé afirmam que nas relações sociais na cidade está presente um distanciamento, que se entende por um contacto casual, mas que não significa que não existam laços entre relações de vizinhança. Apenas é necessário saber quais os comportamentos a adoptar num bairro de forma urbana: *"A urbanidade supõe que se encontre o regime adequado de distância-proximidade."*(Remy, 1998)²⁵

Por sua vez, Jane Jacobs defende a questão da confiança das ruas. E essa confiança resulta dos hábitos de vizinhança, de muitos e pequenos contactos nas mesmas. Se uma pessoa tem por hábito frequentar um café, naturalmente estabelece uma relação de cortesia com o empregado de mesa. Sendo o Homem um ser falante e sociável, com um simples bom dia este deixa de ser desconhecido. O anonimato é recorrente nas cidades, mas um certo grau de contacto é desejável. *"A inexistência dessa confiança é um desastre para a rua"*²⁶, no entanto tem de se preservar o "não comprometimento pessoal". Ninguém deseja uma interacção demasiado intimista que condicione a preservação do privado de cada indivíduo.

*"A privacidade na zona urbana é preciosa. É indispensável. Talvez seja preciosa e indispensável em todos os lugares, mas na maioria deles não se consegue obtê-la."*²⁷

Em grupos pequenos, todos sabem da vida de uns dos outros, ao contrário das grandes cidades, exceptuando aqueles escolhidos para serem seus confidentes. É o grande trunfo das grandes cidades.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid.

²⁵ MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos Henriques; SÁ, Teresa; CRESPO, José Luís - *A Cidade entre Bairros*. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2012

²⁶ JACOBS, Jane - *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

²⁷ Ibid.

1.2.3. Homogeneidade e heterogeneidade social

Jane Jacobs afirma que a segurança e o contacto público são temáticas directamente relacionadas com a segregação e discriminação social. A tolerância é mais visível nas cidades grandes do que nos pequenos aglomerados, uma vez que existe maior heterogeneidade de indivíduos e mais estabelecimentos públicos com maior diversidade. A tolerância revela-se quando as ruas são seguras, dispondo de uma infraestrutura que promova uma convivência civilizada, e quando o contacto público se mantém reservado. Assim é possível aceitar mais facilmente as diferenças entre vizinhos.

Segundo António Gonçalves, muitos urbanistas defendem a heterogeneidade como elemento essencial nos bairros, pois conduz ao enriquecimento de cada indivíduo na variedade de contactos, promove a tolerância entre os habitantes e reciprocidade de conhecimentos, permitindo aos mais desfavorecidos uma ascensão social, na medida em que lhes são apresentados diversos modos de vida. Mas este investigador questiona-se relativamente à aplicação de heterogeneidade social num bairro, uma vez que esta promove muitas vezes frustrações e conflitos, devido a estilos de vida muito diferentes que evitam a aproximação.

A heterogeneidade pode fazer despontar as desigualdades, que são vistas como injustiças, contribuindo para a frustração e, algumas vezes, para a violência. Quando se trata de populações homogéneas (com uma identidade cultural e social confirmadas), as pessoas não se sentem inferiorizadas, uma vez que não são confrontadas com as diferenças. Quando os estilos de vida, educação, gostos e ritmos são divergentes, há mais necessidade de impôr regulamentos que levam a constrangimentos tendencialmente entendidos como provocações; quando são iguais, reduzem-se os conflitos e as exigências de regulamentos oficiais. "*Uma certa homogeneidade de populações favorece a construção da sua identidade e das suas identificações(...)*"²⁸, permitindo um acolhimento que garante segurança para um novo inquilino que partilha do mesmo comportamento cultural, numa primeira fase. Amos Rapoport defende que é necessário haver bairros homogéneos distribuídos num meio heterogéneo, confirmando que é a homogeneidade a condição para a identidade, evitando as desigualdades e permitindo uma diversidade de escolha de um espaço para habitar de acordo com as características de cada indivíduo. No entanto, segundo António Gonçalves, "*conceber um bairro como lugar de comunidade (...) pode convertê-lo em lugar de controlo máximo, de limitação à liberdade, à inovação e à mudança.*"²⁹. Confirma ainda que uma participação muito activa dos assuntos do bairro pode levar ao desinteresse das questões exteriores ao mesmo, "*contribuindo para a ocultação de problemas políticos e ideológicos globais.*"³⁰

²⁸ GONÇALVES, António Custódio - *Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. Porto: Revista da Faculdade de Letras - Geografia, 1988

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

Conclui então que esta é uma temática que varia de bairro para bairro, não há uma receita para o sucesso. Apenas defende que a cidade deve ser vista como um todo, promovendo a qualidade dos espaços públicos para práticas sociais, embora fugazes e anónimas, e também a dos espaços semi-públicos, garantindo a segurança da cidade.

Existem "*novas maneiras de coexistência e novas práticas sociais*"³¹ e o urbanismo deve dar resposta a este novo paradigma social.

*"The homogeneous and indifferentiated character of modern cities kills all variety styles and arrests the growth of individual character."*³²

Christopher Alexander compara três tipos: a cidade heterogénea, a cidade dos guetos e o mosaico de culturas.



Figura 3 - Cidade heterogénea, cidade dos guetos e mosaico de culturas (da esquerda para a direita)

Retirado do livro: ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

Na primeira figura, o autor afirma que uma cidade heterogénea apresenta estilos de vida e comportamentos diferentes que aparentemente dão origem a uma cidade rica e sem constrangimentos. No entanto, afirma ainda que existe uma tendência para o conformismo, pois não existe comunhão de interesses e torna-se homogénea, uma vez que todos os estilos de vida são reduzidos a um só.

Na segunda, a opinião também é negativa, pois, se a cidade é composta por populações homogéneas, essas populações estão reduzidas a guetos, que não permitem diferentes estilos de vida e sentem-se na obrigação de viver nesses mesmos guetos, evitando a sua participação no exterior dos mesmos.

Por fim, na última imagem mostra uma composição de pequenas subculturas que ocupam espaços identificáveis, cujos limites são preponderantes para as diferenciarem. Assim, as pessoas podem escolher o tipo de cultura e espaço para onde queiram viver e, ao mesmo tempo, podem experienciar diferentes estilos de vida. Apenas assim os indivíduos podem crescer e afirmar o seu carácter com as diferentes experiências, pois as pessoas que vivem nas grandes metrópoles evidenciam um carácter fraco e as pessoas que vivem em culturas homogéneas não são facilmente diferenciáveis.

Christopher Alexander defende ainda que o mosaico de culturas não é um padrão racista que dê origem a guetos, mas sim um padrão que permite à cidade ter diferentes culturas e estilos de vida que qualquer indivíduo pode escolher e com os quais pode identificar-se.

³¹ Ibid.

³² ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

1.3. Campus

Tradicionalmente, a forma de aprendizagem era dispersa, passando o conhecimento de geração em geração e, muitas vezes, sendo auto-didacta. O campus Universitário surge como estratégia para fomentar a troca de ideias devido ao seu posicionamento, facilitador do intercâmbio entre conhecimento e aprendizagem. A primeira ideia de campus universitário surge no século XV, na Europa. O seu acesso era restrito, apenas para as elites, e os edifícios eram de carácter religioso. A religião tinha um papel preponderante na instrução. Geralmente estes edifícios encontravam-se nos centros urbanos.

Devido à democratização do conhecimento, o acesso tornou-se menos restrito e, para isso, foi necessária a construção de mais espaços de instrução para responder às necessidades emergentes. A ideologia modernista, no início do século XX, defendia a diferenciação de espaços de habitar, trabalhar e circular. Uma vez que estudar não faz parte de nenhuma das categorias anteriores, as instituições eram construídas tendencialmente no "campo", criando-se pequenas cidades de raiz onde os estudantes pudessem habitar, partilhar conhecimentos e circular, longe da malha urbana das cidades. As universidades passam do centro urbano para as periferias, adoptando uma vida independente e paralela da história e vivência das cidades.

Existem poucos exemplares de Campus Universitários com carácter de bairro. No entanto, serão apresentados dois exemplos distintos: Harvard University e Middle East Technical University. O primeiro é construído de forma evolutiva dentro da malha urbana da cidade, organizado por edifícios isolados, rodeados por vegetação, funções distribuídas pelo campus, com uma forte ligação com a comunidade exterior. O segundo é construído fora do perímetro urbano, criando uma "cidade" no campo, isolado e organizado segundo as funções do campus, de carácter pavilhonar.

1.3.1. Harvard University

A primeira Universidade dos Estados Unidos é a Harvard University, fundada em 1636, localizada em Cambridge, Massachusetts. A Harvard *yard* é constituída por dez hectares e é o centro do campus. Foi neste local que o referido campus se começou a desenvolver. É constituída por treze das dezassete residências, quatro bibliotecas, cinco edifícios de aulas, entre outros.



Figura 4 - Old Yard em planta

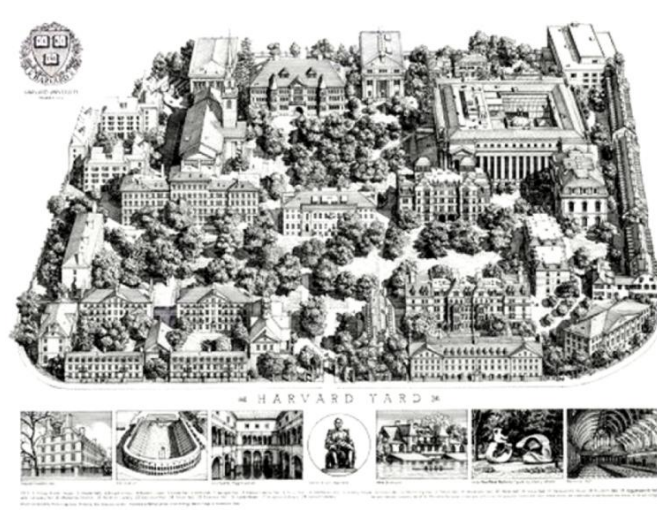


Figura 5 - Old Yard em perspectiva

Retirado do trabalho de Isabel Ezequerra, Rui Gameiro e Vanessa Almeida; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Campus, Projecto da Universidade Técnica e outros paradigmas

Ao redor da "Old Yard" encontra-se a maior parte das residências de estudantes do primeiro ano. Entre elas, está o edifício mais antigo, chamado Massachusetts Hall, construído em 1720. No centro podemos encontrar a Biblioteca Widener e a Memorial Church.

Entretanto, o campus foi-se expandido em direcção a Cambridge. Na sua expansão foi tida em conta a importância do espaço ao ar livre e a intenção de abrir portas ao mundo exterior. A instituição afirma que não só a escola beneficiará, mas também a comunidade circundante. Hoje o campus estende-se para a outra margem do rio, actualmente com 85 hectares de terreno. Este é constituído por edifícios de diferentes tempos: o clássico, recordando castelos e catedrais medievais, o estilo colonial americano, e ainda a presença contemporânea: Carpenter Center for the Visual Arts, de Corbusier, Graduate Center, de Gropius, e Holyoke Center, de Sert.

Para além das escolas e colégios, laboratórios e dormitórios, é um local de privilégio a nível cultural. Bibliotecas, museus, galerias de arte e um jardim botânico, entre outras instituições, permitem uma vivência activa, promovendo a participação dos estudantes e da comunidade envolvente.

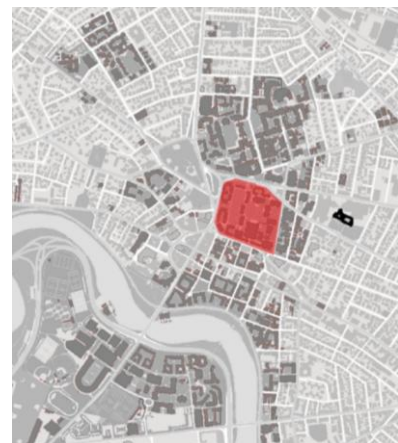


Figura 6 - Estrutura do Campus Harvard University

Retirado do trabalho de Isabel Ezequerra, Rui Gameiro e Vanessa Almeida; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Campus, Projecto da Universidade Técnica e outros paradigmas



Figura 7 - Residências da Universidade, Desporto e Museus/Bibliotecas (da esquerda para a direita)

Retirado do trabalho de Isabel Ezequerra, Rui Gameiro e Vanessa Almeida; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Campus, Projecto da Universidade Técnica e outros paradigmas

1.3.2. Middle East Technical University (METU)

A Middle East Technical University (METU) localiza-se a 20 km do centro de Ankara. O campus compreende uma área de 4500 hectares e uma área florestal de 3043 hectares, incluindo o lago Eymir. Neste é permitido aos estudantes de METU pescar, praticar remo, fazer picnics ou outro género de actividades. Os dormitórios da parte principal do campus têm uma capacidade de 6000 estudantes. Estes podem usufruir de serviços como comércio, bancos, correios e restauração. Também podem praticar desporto em ginásios, campos de ténis, futebol e basquetebol; existem ainda percursos de jogging, piscina interior e exterior. Ao longo do ano lectivo, os estudantes podem também assistir a exposições, concertos, recitais, cinema e teatro, bem como usufruir de outras actividades sociais e académicas. O transporte assegura ligações da cidade ao campus e ao lago. Um campus de carácter pavilhonar encontra-se isolado, ao contrário da Harvard University.



Figura 8 - Estrutura do Campus METU

Retirado do Google Maps e trabalhado em Adobe Photoshop pela autora

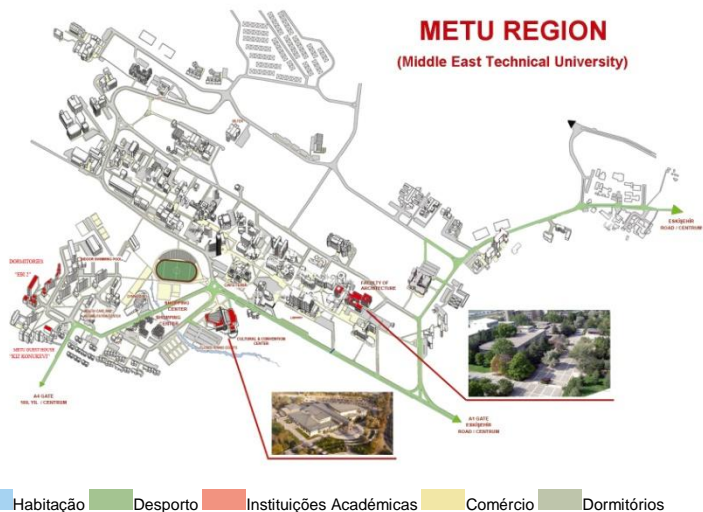


Figura 9 - METU em perspectiva

Retirado do site:

<http://www.arber.com.tr/aesop2012.org/index.php/page,38,venues>
Consultado em 24.06.3013

1.4. Faculdade de Arquitectura

De seguida, apresentar-se-á duas faculdades de arquitectura totalmente distintas: na área de construção, na forma e no número de alunos que as frequentam.

1.4.1. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP)

A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto foi programada para 500 alunos e compreende uma área de construção de 9 600 m². Foi construída entre 1987-93 e projectada pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira.



Figura 10 - Vista superior da FAUP

Retirado do site: http://2.bp.blogspot.com/_0m-WJZEzE/SZQRyZomECI/AAAAAAAAAxo/naL2JybjI8/s400/faup.jpg
Consultado em 02.07.3013

Figura 11 - Espaço Público central da FAUP

Fotografia tirada pela autora do trabalho

Encontra-se situada entre a via de saída da Ponte da Arrábida, a Norte, e, a Sul, a Via Panorâmica Edgar Cardoso com uma vista privilegiada para o rio Douro, a Sul. A Este estabelece um limite com o muro da quinta da Póvoa.



Figura 12 - Alçado Sul da FAUP

Retirado da revista: LEVENE, Richard – *Álvaro Siza: 1958-2000*, 2000. Madrid: El Croquis. Nº95

É possível dividir o complexo universitário em dois volumes distintos: adjacente à via, a Norte, é possível verificar uma forma contínua que inclui zonas administrativas, auditórios, espaço de exposição semi-circular e uma livraria. O segundo é compreendido por quatro pavilhões, a Sul, que são interligados por uma ligação subterrânea a três metros do espaço público central, sendo possível o acesso coberto e fechado aos diferentes edifícios. O piso térreo contém ateliers e gabinetes de professores. A posição destes edifícios permite variar as aberturas para

as vistas para o rio. Estes dois volumes convergem a Oeste - onde se situa a entrada principal - originando um pátio triangular.

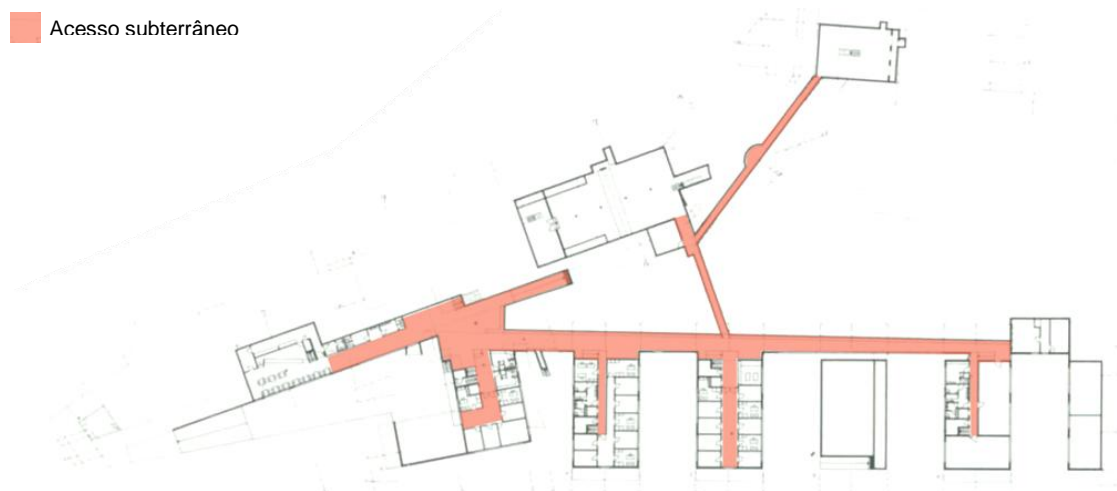


Figura 13 - Planta piso -1 da FAUP

Retirado da revista: LEVENE, Richard – *Álvaro Siza: 1958-2000*, 2000. Madrid: El Croquis. Nº95



Figura 14 - Planta piso 2 da FAUP

Retirado da revista: LEVENE, Richard – *Álvaro Siza: 1958-2000*, 2000. Madrid: El Croquis. Nº95



Figura 15 - Corte Longitudinal pelo volume 2 da FAUP

Retirado da revista: LEVENE, Richard – *Álvaro Siza: 1958-2000*, 2000. Madrid: El Croquis. Nº95



Figura 16 - Interior de uma das salas de aula com vista para o rio Douro

Fotografia tirada pela autora do trabalho



Figura 17 - Acesso subterrâneo com entradas de luz

Fotografia tirada pela autora do trabalho

1.4.2. Faculdade de Arquitectura da Delft University of Technology (BK City)

A Faculdade de Arquitectura da Delft University of Technology (Bouwkunde City), situada na Holanda, é a maior do campus universitário e uma das maiores do mundo com 37 000 m² de área. Cerca de 2900 alunos frequentam a faculdade.



Figura 18 - Vista superior da BK City

Retirado do site: http://farm6.staticflickr.com/5136/5528420151_496c08ae98_z.jpg - Consultado em 02.07.2013



Figura 19 - Pátio que antecede a entrada da BK City

Retirado do site: http://www.mimosa.eu/images/9992_1.jpg - Consultado em 02.07.2013

Devido ao incêndio que destruiu a Faculdade de Arquitectura da TU Delft, em 13 de Maio de 2008, lançou-se um concurso, em Setembro do mesmo ano, pelo Instituto de Arquitectura Holandês. A faculdade foi instalada num edifício histórico universitário - criado em 1842 - através de uma equipa de projecto liderada por Wytze Patijn. Antes, este edifício era o centro administrativo, considerado património nacional, que foi transformado em BK City. O edifício tem 32 000 m² de área e adicionados 5 000 m² na construção de dois átrios envidraçados. O átrio a Sul consiste numa zona de trabalho - com um pé direito aproximadamente de 12 metros

- com um conjunto de oficinas por baixo dos mesaninos. Este possui as oficinas de maquetagem e fabricação digital, integrando as novas tecnologias nos processos regulares de trabalho dos alunos. O átrio a Este é também uma zona de trabalho que contém o projecto "The Why Factory" de Winy Mas. Este átrio distingue-se através da cor-de-laranja, que é possível verificar-se uma estrutura de madeira em forma de escada com três andares onde estão localizados espaços do instituto de pesquisa. No exterior surge um auditório de carácter informal, envolvido por zonas de trabalho.



Figura 20 - Átrio Sul

Retirado do site:

http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/story/media/maquettehal7%20-%20Copyright%20Marc%20Faase%202009.jpg - Consultado em 02.07.3013

Figura 21 - Átrio Sul

Retirado do site:

http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/story/media/maquettehal12%20-%20Copyright%20Marc%20Faase%202009.jpg - Consultado em 02.07.3013

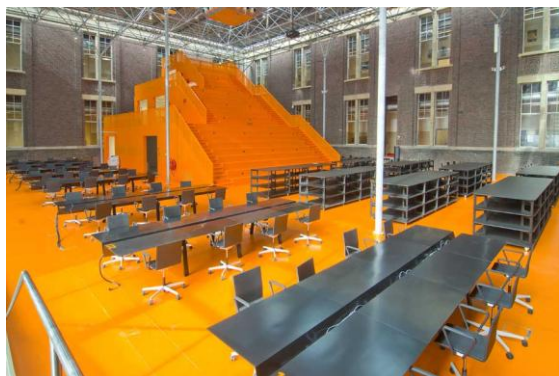


Figura 22 - Átrio Este

Retirado do site: http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/holland/why_factory_delft_mvrdv131009_1.jpg - Consultado em 02.07.3013

Figura 23 - Átrio Este

Retirado do site: http://img.archilovers.com/projects/b_730_bb7b6822-17ad-41b7-9a36-30a6dbac6238.jpg - Consultado em 02.07.3013

O edifício permitiu a construção de espaços amplos de pé direito alto, facultando a criação de espaços de estudo colectivos para os estudantes. Foi possível também promover áreas de

encontro, como um restaurante, um snack bar, despensas, espaços de lazer e zonas de cariz mais privado para estudo individual.

Ao longo do espaço de circulação encontram-se distribuídos serviços como uma livraria, centro de impressões, gabinetes da sociedade de arquitectura e o balcão de atendimento da faculdade. No seu percurso estão expostos alguns trabalhos e anúncios.



Figura 24 - Planta tipo da BK City

Retirado do livro: CRUYEN, Dennis; HEIJER, Alexandra den; LEIJ, Etty van der - *Making of BK City*. Delft: TU Delft, 2009

Apesar das diferenças, ambas as faculdades valorizam as circulações interiores: a FAUP privilegia as vistas para o exterior e a BK City expõe trabalhos de alunos ao longo do percurso. Diferem também numa outra questão: a primeira aposta na qualificação do espaço público exterior, a segunda nas zonas de trabalho comuns, promovendo a troca de ideias entre os utilizadores da faculdade.

2. ELEMENTOS DA CIDADE

2.1. Morfologia

*"Se todas as coisas fossem cubos não haveria tantas discussões. E não existiria a dúvida."*³³

Esta afirmação satírica de Gonçalo M. Tavares lembra a crítica visceral de Jacques Tati ao modernismo. Tati apresenta-nos uma nova forma de olhar a arquitectura, a organização urbana e as relações sociais nela presentes. Trata-se de uma visão futurista do progresso da fase modernista, evidenciando os erros da evolução da mesma. Em *Playtime*, existe uma Paris constituída por caixas uniformes - arranha-céus de vidro e aço de fisionomia igual - e por avenidas largas, abundantes em carros, e ruas repletas de pessoas, revelando uma grande movimentação. Em apenas alguns flashes aparece a Torre Eiffel e o Arco do Triunfo, mas apenas em reflexos dos vidros que vestem a cidade. O rio Sena, Notre Dame, Montmartre, Champs Ellysées, Sacré Coeur, Musée du Louvre, entre muitos, desvaneceram e os edifícios em altura apoderaram-se da cidade em nome do progresso, da racionalidade, da flexibilidade e do conforto, menosprezando a História, a tradição e a identidade, ficando assim com uma memória do que um dia foi. Um dos episódios mais marcantes é o da agência de viagens, onde é possível observar cartazes publicitários de algumas cidades, como Londres ou Brasília, e todos com fotografias que pareciam ter sido tiradas em Paris de Tati. A modernidade alastrou-se de tal forma, globalizando todas as metrópoles ao Estilo Internacional, destinado a um homem-tipo, que deixou de dar importância às diferentes funções que os edifícios podem tomar.

*"Mas com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece e modifica os motivos do seu próprio desenvolvimento."*³⁴

Aldo Rossi é um dos grandes críticos da teoria moderna, considerando que a cidade é multifacetada, *"A cidade não é, por natureza, uma criação que possa ser reportada a uma única ideia-base. (...) [a cidade] é a soma de muitas partes, bairros e circunscrições muito diferenciados nas suas características formais e sociológicas."*³⁵

A cidade não pode ser analisada de uma única maneira formal, pois esta é criada em vários tempos e diferentes concepções da arquitectura.

Para além de se debruçar sobre os factores que influenciam a imagem da cidade - factores sociais, históricos, funcionais, e até de nomeação - Lynch (1960) aborda essencialmente a importância da imagem da cidade. Segundo o autor, esta é composta por cinco tipos de

³³TAVARES, Gonçalo M. - *O Senhor Valéry e a lógica*. Alfragide: Editorial Caminho, 2002

³⁴ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001

³⁵Ibid.

elementos: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes. As vias são as organizadoras das cidades e é a partir delas que os outros quatro elementos se organizam. As pessoas conhecem a cidade a percorrer as vias, observando todos os outros elementos que as circundam. Os limites são fronteiras que relacionam diferentes partes da cidade. Os bairros são unidades particulares, *"regiões essas em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável."*³⁶ Os cruzamentos podem ser concentrações, um convergir de vias ou apenas mudanças de uma estrutura para outra. Finalmente os pontos marcantes que permitem às pessoas orientar-se na cidade quando encontram um elemento visual reconhecido.

Para Lynch, a cidade é organizada através destes elementos e, se estes não forem bem trabalhados, o caos, a desorientação e a ilegibilidade imperam nos aglomerados urbanos.

Gordon Cullen apresenta uma panóplia de diferentes formas que os lugares podem tomar gerando diferentes comportamentos dos indivíduos que vivem na cidade. Abrigos, sombras e diminuto fluxo de automóveis levam à permanência dos lugares. Também refere os níveis em que nos encontramos: abaixo do nível médio do terreno evoca sentimentos de inferioridade, intimidade, encerramento ou claustrofobia. Sentimentos como euforia, domínio ou superioridade, ou mesmo exposição e vertigens, podem resultar quando o indivíduo se encontra acima do nível. Descer implica encontrar o conhecido, o terreno, e subir significa encontrar o desconhecido, o inatingível. Estes podem ter uma função útil, como separar ou unir as funções das vias públicas. Também fala do mistério, no desconhecido de uma cidade que leva as pessoas a quererem conhecer, pensando que tudo poderá ser possível. Estreitamentos provocam pressão e constrangimento, sentimentos opostos da praça, do largo ou das avenidas largas. Também defende que a cor, textura, escala, estilo, personalidade e tudo o que individualiza uma zona da cidade influencia o estado emocional de um indivíduo.

Cullen rejeita o planeamento urbano recorrente, rejeita o que entende por "convencionalismo" no que diz respeito às cidades: *"Se houvesse inteira liberdade de acção provavelmente criaria-se simetria, equilíbrio, perfeição, concordância, convencionalismo. Não é essa a concepção popular da finalidade do planeamento urbano?"*³⁷. Afirma que o convencionalismo se transforma em conformismo, tornando a cidade monótona. O objectivo é o de criar uma *"interacção entre o Aqui e o Além."*³⁸

A cidade precisa de contrastes bem marcados, pois o *"homem tem em todos os momentos a percepção da sua posição relativa, sente a necessidade de se identificar com o local em que se encontra, e esse sentido de identificação, por outro lado, está ligado à percepção de todo o espaço circundante."*³⁹

³⁶ LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009

³⁷ CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

João Branco Pedro vai mais além no que diz respeito à influência da organização do espaço e à sua articulação nas relações de vizinhança. Através do estudo de alguns modelos, o autor afirma que a forma de conjunto de edifícios de implantação fechada, linear ou pontual proporciona diferentes reacções nos indivíduos. O mesmo acontece com a implantação dos edifícios relativamente às ruas - implantação alinhada, não alinhada e mista - e ainda a forma de acesso viário local - acesso com continuidade, em anel, em praça e em impasse.

Forma de implantação do conjunto de edifícios:

- Os edifícios de implantação fechada - quarteirão fechado ou aberto ("C", duplo "U", duplo "L" ou duplo "C") - permitem a clara definição dos espaços exteriores delimitados pelos edifícios, propiciando a interacção entre os moradores das respectivas residências, de carácter privado, promovendo funções de estar/reunir, jogo/recreio e trabalho informal; permitem uma densidade mais elevada e há uma *"boa rentabilização de vias e estruturas."*⁴⁰ e, consequentemente, um projecto menos dispendioso. No entanto, surge o desconforto ao nível dos ruídos, devido aos pátios confinados pelos edifícios; *"vistas recíprocas entre habitações, especialmente na proximidade das esquinas"*⁴¹; sombras extensas e uma deficiente orientação, uma vez que os edifícios se orientam nos quatro sentidos; difícil integração em topografias acidentadas.

- Os edifícios de implantação linear - edifícios em banda ou quarteirão aberto ("L" ou duplo "I") - apresentam os espaços exteriores não claramente definidos, logo, com pouca distinção entre espaços públicos e privados, *"predominantemente pedonais e calmos"*⁴². Neste edifícios verifica-se a predominância de ventos no caso de a configuração ser linear contínua; ausência de privacidade visual em edifícios opostos; monotonia da forma na cidade; facilidade na integração em terrenos acidentados e possibilidade de densidade média.

- Os edifícios de implantação pontual - edifícios unifamiliares isolados ou geminados ou torres - têm espaços exteriores sem delimitação precisa; são desabrigados e indefinidos; potencia o isolamento, promovendo a perda de relações de vizinhança, o que contribui para a falta de controlo social que pode conduzir ao vandalismo. Apesar da fácil integração em topografia acidentada, trata-se de um projecto dispendioso, uma vez que a manutenção dos espaços exteriores é maior, as vias e as infraestruturas são mal rentabilizadas, de baixa densidade populacional.

⁴⁰ PEDRO, João Branco - *Programa Habitacional: Vizinhança Próxima*. Lisboa: LNEC, 2002

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.



Figura 25 - Forma de implantação de edifícios

Retirado do livro: PEDRO, João Branco - *Programa Habitacional: Vizinhança Próxima*. Lisboa: LNEC, 2002

Forma do acesso local

- Com continuidade - promove o trânsito com flexibilidade de percursos. A fácil imagem do esquema viário permite a facilidade na expansão do sistema viário. No entanto, pode permitir também a existência de velocidades elevadas e trânsito de passagem.

- Em anel - ao contrário da anterior, não há trânsito de passagem, contribuindo para a segurança viária. Permite relações de vizinhança entre os moradores do respectivo anel e facilita a construção faseada. Promove entroncamentos, substituindo os cruzamentos, apesar de não existir muita flexibilidade de percursos.

- Em praçeta - tem as mesmas características que o acesso em anel, com a particularidade de existir um espaço livre central, permitindo actividades de jogo e recreio.

- Em impasse - separa a circulação viária da pedonal. Evidencia um reduzido tráfego devido às ruas sem saída, permitindo a possibilidade de surgir vias mistas. Respeita a privacidade e sentido de identidade dos moradores de cada impasse. Há entroncamentos em vez de cruzamentos. No entanto, difícil acesso a veículos pesados (bombeiros ou recolha de lixo); pouca flexibilidade de percursos e *"necessidade de uma área de inversão de marcha no extremo oposto à entrada no impasse."*⁴³

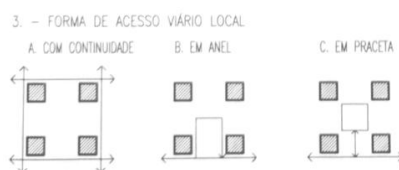


Figura 26 - Forma de acesso viário local

Retirado do livro: PEDRO, João Branco - *Programa Habitacional: Vizinhança Próxima*. Lisboa: LNEC, 2002

Todas estas distinções podem influenciar as relações de vizinhança. Todas têm vantagens e desvantagens, permitindo uma multiplicidade de escolhas que, conjugadas, permitem maior ou menor privacidade, controlo social, segurança e, claro, relações de vizinhança. A organização espacial e os espaços de articulação são preponderantes para definir os comportamentos do Homem, contribuindo para a formação do seu carácter.

⁴³ Ibid.

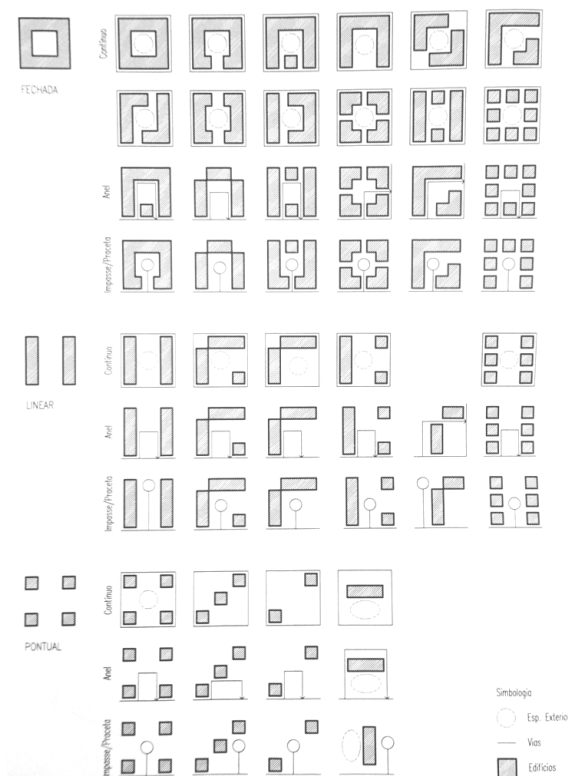


Figura 27 - Forma de implantação de edifícios relativamente às ruas e ao acesso viário

Retirado do livro: PEDRO, João Branco - *Programa Habitacional: Vizinhança Próxima*. Lisboa: LNEC, 2002

2.2. Ruas

*"Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas."*⁴⁴

As ruas são um elemento preponderante das cidades, uma vez que são elas que permitem a deslocação de um ponto de partida para um ponto de chegada ou são elas que contêm usos diversos atractivos que permitem aí a permanência das pessoas. Para que estas se movimentem nas ruas é necessário garantir a segurança nas mesmas.

Jane Jacobs afirma que as ruas movimentadas garantem segurança, ao contrário de uma rua deserta. Para que uma rua ofereça segurança, a autora refere três elementos essenciais: garantir a diferenciação entre espaço público e privado, evitando que se misturem; assegurar um controlo visual para a rua pelos seus moradores; justificar a necessidade de circulação e vivência da rua. Assim, os moradores terão uma razão para olhar para a rua, promovendo o controlo visual enunciado, uma vez que ninguém se vai interessar por uma rua sem movimento. Não se pode ignorar o factor segurança, pois *"Todos precisam usar as ruas"*⁴⁵, porque ninguém passa a vida na sua redoma. Deverá haver um *"requisito básico de vigilância"*⁴⁶. E é aqui que as funções públicas interferem, com estabelecimentos e espaços públicos, como lojas, bares e restaurantes, que sejam também utilizados à noite. A oferta deverá ser a mais variada possível. E, assim, quase inocentemente, as pessoas têm motivo

⁴⁴ JACOBS, Jane - *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid.

para circular na rua, os moradores têm um motivo para "espreitar" o movimento na rua, os lojistas incentivam a ordem e tranquilidade e as pessoas que trabalham nessa rua têm locais diversos para comer e beber, tornando-se um espaço atractivo. António Gonçalves afirma que os bairros mais seguros são os de cultura popular, pois *"a rua é um lugar efectivo de apropriação, onde cada um se sente responsável como que em sua casa."*⁴⁷

*"Temos que admitir que há algum valor na mistificação, no labirinto ou surpresa no meio ambiente."*⁴⁸

Lynch admite que o labirinto pode tornar a cidade interessante. Para que a surpresa seja um sentimento agradável, é necessária uma organização espacial eficaz e trabalhada. Não se pode correr o risco de se perder ou encontrar uma rua sem saída. Estes "labirintos" deverão introduzir-se em pequenas áreas numa imagem legível, num princípio e um fim, para que seja facilmente apreendida. O contrário, uma desorganização total sem indicações de relações, nunca poderá ser considerado seguro e agradável.

Gordon Cullen assume que a paisagem urbana altera o estado emocional do indivíduo. *"(...) a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas e revelações súbitas. É o que se entende por VISÃO SERIAL."*⁴⁹. Na imagem seguinte está exemplificado um percurso com sucessivos pontos de vista que surpreendem o visitante. As setas indicam a localização das imagens que devem ler-se da esquerda para a direita.

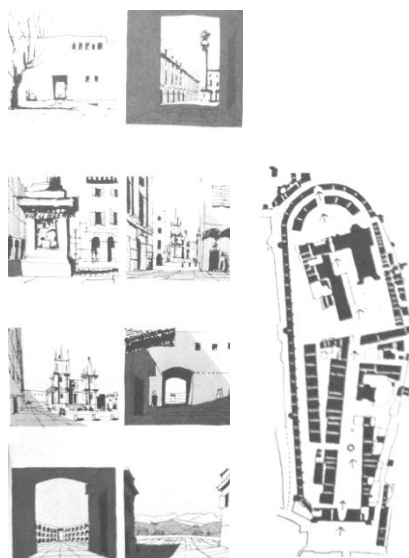


Figura 28 - Exemplo de Visão Serial

Retirado do livro: CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983

⁴⁷ GONÇALVES, António Custódio - *Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. Porto: Revista da Faculdade de Letras - Geografia, 1988

⁴⁸ LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009

⁴⁹ CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983

"(...) o objectivo que nos propusemos inicialmente é o de jogar com os elementos da cidade por forma a que exerçam sobre as pessoas um impacto de ordem emocional."⁵⁰ Uma rua recta com um impacto reduzido - pois o seu mistério foi revelado e é imaginada instantaneamente sem grande surpresa - torna-se monótona. Cullen defende que com a manipulação da realidade inerte, é possível suscitar emoções intensas às pessoas que caminham na cidade, surpreendendo-as no seu trajecto.

As ruas não foram necessariamente desenhadas para este fim. No entanto, estes resultados são importantes para quem as percorre.

2.3. Espaço público

*"Community facilities scattered individually through the city do nothing for the life of the city."*⁵¹

Hoje em dia verifica-se uma dispersão de actividades públicas pela cidade que não contribuem para o impacto da comunidade. Estudos apontam que as pessoas procuram concentrações de outras à medida que passeiam pela cidade. Para a criação de concentrações de pessoas numa comunidade, Alexander defende que deverão ser localizadas várias praças públicas que podem funcionar como cruzamentos ao longo das vias pedonais. Esses "cruzamentos" devem compreender quatro propriedades. Primeiro, a maior parte das vias, maiores ou menores, de uma comunidade devem convergir numa praça. Segundo, as praças deverão ser pequenas. Terceiro, os serviços disponíveis devem atrair o mesmo tipo de pessoas, na mesma altura do dia. Se houver uma concentração de bares nocturnos, as pessoas que queiram sair à noite podem escolher ir a qualquer um e, assim, a concentração aumenta consideravelmente. Se houver um jardim infantil perto de um pequeno parque, famílias jovens com crianças podem vir a usá-lo e a concentração será maior. Por último, estes serviços devem ser distribuídos pela comunidade para que nenhuma habitação ou local de trabalho se encontrem muito afastados das concentrações de diversos tipos de pessoas. *"In this way a contrast of «busy and quiet» can be achieve at a small scale - and large dead areas can be avoid"*.⁵²

Christopher Alexander conclui que a criação de cruzamentos distribuídos pela cidade com cerca de 250 metros de distância, a alteração das ruas de uma comunidade para que convirjam nos cruzamentos, trazendo o maior número de pessoas para os mesmos, a criação de praças públicas pequenas no centro de cada cruzamento, circundadas por uma combinação de serviços e comércio que se suportem mutuamente, contribuem para a vida da cidade.

As cidades precisam de praças públicas, como já foi referido. É o local de entretenimento para pequenas multidões. No entanto, existe uma certa tendência em planear praças desmesuradas que se tornam desertas e sem vida. *"Our observations suggest strongly that open spaces*

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

⁵² Ibid.

*intended as public squares should be very small.*⁵³ Com um diâmetro de 18 metros aproximadamente as pessoas sentem-se seguras e confortáveis e tornam-se espaços favoritos das mesmas. Com mais do que 21 metros a praça começa a tornar-se desagradável. Existe um estudo que revela que um espaço começa a parecer-se deserto quando tem mais do que 28 m² por pessoa. Se uma praça tiver um diâmetro de 30 metros parece deserta quando menos de 33 pessoas a frequentarem. No entanto, apenas 4 pessoas dão vida a uma praça de 10 metros de diâmetro e 12 a uma praça de 18 metros de diâmetro. Como existe maior probabilidade de 4 ou 12 pessoas frequentarem um determinado espaço do que 33, espaços pequenos têm maior probabilidade de serem agradáveis na maior parte do tempo.

Outra questão relevante para o estudo é a questão do diâmetro. O reconhecimento do rosto de outra pessoa apenas é feito até 21 metros de distância, assim como uma voz alta num ambiente urbano apenas é ouvida até 21 metros. A mais de 30 metros falar é desconfortável e a expressão facial já não é reconhecível. Alexander conclui que uma praça deverá ter entre 14 a 18 metros de diâmetro e nunca mais do que 21. Ainda reconhece que apenas se aplica a uma direcção, a outra poderá certamente ser maior.

2.4. Limites

Vários aglomerados de usos diversificados numa cidade têm uma característica em comum: a fronteira. Segundo Lynch, os limites não são considerados como vias, mas sim barreiras que estabelecem um isolamento entre regiões e essas linhas podem ser "costuras" onde as mesmas se encontram e relacionam.

Paul-Lévi e Marion Segaud afirmam que a construção de limites, é preponderante para definir e caracterizar o espaço e, por sua vez, dar-lhe sentido. "*A questão da particularização do espaço conduz à das identidades culturais e ao papel do espaço na sua constituição*"⁵⁴

Os limites podem tomar várias formas: áreas de terreno aberto, espaço de trabalho, equipamentos públicos, água, parques, ou outros limites naturais. Quanto maior for o limite físico entre subculturas - como terrenos em desuso, autoestradas ou cursos de água - menores os conflitos entre as mesmas e mais forte será o seu carácter, pois são mais livres de o criar sem ter grandes pressões do exterior. Alexander defende que não devem estar totalmente isoladas e, desta forma, afirma que "*Separate neighboring subcultures with a swath of land at least 200 feet wide. Let this boundary be natural - wilderness, parks, schools, some housing. Along the seam between two subcultures, build meeting places, shared functions, touching each community.*"⁵⁵

⁵³ Ibid.

⁵⁴ SILVANO, Filomena - *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*. Lisboa: Celta Editora, 2001

⁵⁵ ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

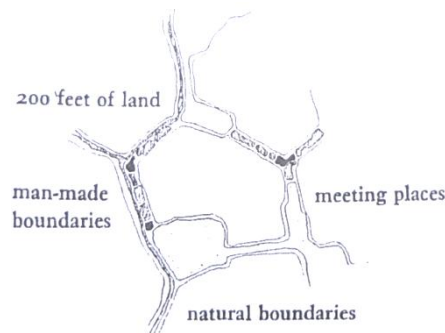


Figura 29 - Limite de uma subcultura

Retirado do livro: ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

Mais directamente para os bairros, os limites são essenciais para identificá-los. Se estes não forem fortes, os bairros não conseguem manter o seu carácter identitário. Como no meio da cidade geralmente não há espaço para limites naturais de grande expansão, Christopher Alexander introduz uma solução: restringir o acesso aos mesmos através de "gateways". Estes podem tomar diferentes formas: um portal, no sentido literal da palavra, uma ponte, uma passagem estreita entre edifícios separados, uma avenida de árvores, entre outros. A descontinuidade das ruas principais exteriores ao perímetro origina um constrangimento na entrada dos bairros. Ainda refere o mesmo autor que, quanto menor for o número de ruas na sua área, maior será o sentimento de pertença. Assim, apenas os habitantes ou quem lá trabalha entram de carro nesta área. É uma restrição subtil que leva a um menor tráfego e os seus habitantes reconhecem o seu bairro como uma área distinta do resto da cidade. Os limites deverão ser "meeting places" onde se introduzem funções comuns que podem ser partilhados pelos diferentes bairros que o circundam.

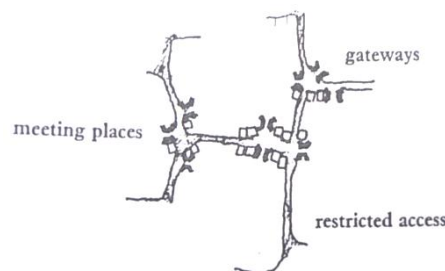


Figura 30 - Limite de um bairro

Retirado do livro: ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

No entanto, nem sempre os limites são claros: *"Se eu disser que "sou de Benfica" refiro-me a uma zona muito vasta, que contém bairros muito diferentes. Se, pelo contrário disser que "sou de Telheiras", torna-se mais fácil a identificação no espaço, e portanto, encontrar os seus limites em relação a outros bairros/zonas."*⁵⁶

⁵⁶ MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos Henriques; SÁ, Teresa; CRESPO, José Luís - *A Cidade entre Bairros*. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2012

Os limites podem ser barreiras naturais e físicas, contudo, segundo Teresa Sá, um bairro apenas existe quando existem limites que o distinguem dos outros, mas esses só são efectivamente eficazes quando se manifestam de forma social, mais do que natural. Apenas assim se identifica o sentimento de pertença: *"O bairro corresponde a uma relação interiorizada por cada indivíduo que o leva a identificar-se com ele, "o verdadeiro parisiense pertence a um bairro" (Augé, 2000).*"⁵⁷

Jane Jacobs afirma que geralmente nos limites criam-se bairros decadentes. *"Uma fronteira - o perímetro de um uso territorial único de grande proporções ou expandido - forma o limite de uma área "comum" da cidade. As fronteiras são quase sempre vistas como passivas, ou pura e simplesmente como limites."*⁵⁸ Afirma que o grande problema dos limites é o de serem identificados como barreiras e, conseqüentemente, a rua que culmina numa fronteira é considerada como o fim do uso diversificado. E, se essa rua não foi atractiva, será um lugar morto, sem usuários. Este argumento remonta novamente à questão da seguranças nas ruas, pois, se essas ruas e essas fronteiras não forem atractivas, os motivos para as pessoas aí circularem não existem tornando-se numa rua deserta e, conseqüentemente, insegura. A fronteira deverá ser dinamizada para evitar lugares fragmentados, fechados e estagnados. E entende-se por estagnação o momento anterior à decadência dos lugares.

Os elementos da cidade enunciados apresentam questões relevantes para o desenvolvimento da proposta. Releva-se a consciência de que a cidade é composta por diferentes espaços, contruídos em diferentes tempos, promovendo a existência de uma cidade multifacetada. O Homem deve sentir-se seguro na cidade enquanto a percorre, assegurando a organização trabalhada dos elementos de Lynch e, simultaneamente, deve ser surpreendido, através das formas que o espaço pode tomar, suscitando emoções variadas.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ JACOBS, Jane - *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. Estudo da Cidade de Coruña

*"Ao mesmo tempo entramos nunha nova etapa na que a crises económica impón medidas de austeridade que, á diferenza de décadas anteriores, serán permanentes e converteranse na nosa forma de vida. Es novo escenario obríganos a pensar e construír unha cidade que mitigue os efectos da crises através de políticas urbanas máis sociais, distributivas e estabilizadoras onde o colectivo prime sobre o individual."*⁵⁹ Esta afirmação confirma o problema que se vive hoje em dia: com a crise, a mobilidade reduz, e é necessário estar-se mais atento ao planeamento urbano mais que nunca.

Luciano Alfaya explicou o seu projecto no colóquio "As Cumplicidades de Bairro". "A Coruña: a cidade dos bairros" é o enfoque da sua apresentação. Esta cidade é constituída por vários bairros, cuja intenção será introduzir oito estratégias de reflexão para cada um deles. Estas estratégias indicam a oportunidade de participação activa na cidade por diferentes factores. Os autores vêem a cidade como um todo, permitindo que todos participem activamente na mesma. Foi realizado um inquérito na cidade da Coruña para se compreender a percepção que as pessoas tinham dos seus bairros. Uma das questões prioritárias do estudo é a de compreender como as pessoas pensam sobre as razões que estabelecem o limite do bairro. As respostas não são conclusivas, e por essa razão pode concluir-se que os limites dos bairros não estão bem definidos - Tipologia: 46%; Infraestruturas: 43%; Uso+Trama urbana: 7%; Memória: 4%. Outra questão relevante é a dos meios de transporte que são mais frequentes nas suas deslocações. O facto de 47% das pessoas da amostra afirmar que caminham, 22% usam transportes públicos, e 30% usam carro ou mota revela que as deslocações são eficazes. No entanto, apenas 1% afirma usar bicicleta, concluindo que o circuito de ciclismo é deficiente ou simplesmente inexistente em Coruña. Mas as respostas são muito divergentes de bairro para bairro, dependendo da sua localização e sistema de transportes. Outra questão não menos relevante é a que refere o que menos gosta no seu bairro. Com percentagens muito semelhantes, as pessoas afirmam que os factores sociais/ambiente, falta/melhorar a estrutura, problemas de mobilidade e falta/melhorar os equipamentos/serviços são os indicadores menos favoráveis nos seus bairros, ao passo que factores de localização e falta/melhorar os lugares de permanência são os factores menos enunciados. A percentagem mais elevada no que diz respeito aos factores sociais/ambiente (69%) é no bairro Peixería, uma vez que é considerado o centro da cidade e um dos lugares mais emblemáticos. É um lugar com muita mobilidade e espaços de permanência, inclusivamente nocturna, que gera queixas de ruído e sujidade. Pensado essencialmente para os turistas, claramente há uma ausência do sentimento de pertença. A mesma pergunta foi feita, mas desta vez sobre o que mais gosta no bairro. 45% afirma ser os factores sociais/ambiente. Significa que existe coesão social na maioria dos bairros. O bairro Peixería é uma excepção; no entanto valorizam a localização e os serviços públicos. No colóquio, Alfaya relevou a questão sobre quais os mecanismos para promover a

⁵⁹ ALFAYA, Luciano - *Unha mirada complementaria da Coruña*. Galicia: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 2011

coesão social. Um exemplo seria a criação de pontos de encontro informais, como, por exemplo, um posto de informação coberto. Surgem assim espaços de permanência, que promovam a reunião.

O questionário termina com a questão: "Preferia viver noutra zona da cidade ou fora dela?" 84% respondem que preferiam viver no seu bairro. Esta percentagem significa que as pessoas dão muita importância à localização, uma vez que os bairros que indicam menor percentagem de que gostariam de continuar a viver no seu bairro são os criados recentemente, que simultaneamente são os que se encontram na periferia.

Apenas estão expostas as questões consideradas mais relevantes para o trabalho em estudo.

3.2. "Bairros em Lisboa, 2012" (Colóquio: As cumplicidades de Bairro)

No Colóquio foi apresentado o projecto de investigação "Bairros em Lisboa, 2012". Surge da dificuldade da definição do conceito de "Bairro" e da diversidade de contextos espaciais e realidades (sociais, culturais, arquitectónicas, históricas, espaciais) na cidade de Lisboa.

A tabela seguinte provém de um inquérito preliminar on-line realizado em Maio de 2010, cuja questão foi "Classifique as seguintes afirmações de acordo com a sua ideia de bairro de Lisboa":

Item	Sim, sempre	Sim, às vezes	Não
Conjunto de edifícios da mesma época	28.6%34	69.7%83	1.7%2
Conjunto de edifícios que obedecem a um plano urbanístico	26.1%31	64.7%77	9.2%11
Conjunto de ruas de uma mesma freguesia	26.9%32	62.2%74	10.9%13
É um dormitório	3.4%4	29.4%35	67.2%80
Existem relações familiares	36.1%43	60.5%72	3.4%4
Existe comércio tradicional	74.8%89	24.4%29	0.8%1
Existe vivência diurna de rua	79.0%94	21.0%25	-
Existe vivência nocturna de rua	25.2%30	73.1%87	1.7%2
Existem espaços verdes e jardins	32.8%39	66.4%79	0.8%1
Existem relações estreitas de vizinhança	46.2%55	53.8%64	-
Vivem pessoas de vários estratos sociais	32.8%39	66.4%79	0.8%1
Vivem sobretudo pessoas do mesmo estrato social	10.1%12	64.7%77	25.2%30

Tabela 1 - Resultados de inquérito on-line realizado em Maio de 2010

Retirado da apresentação feita no Colóquio "Cumplicidades de Bairro"

O facto de apenas 1,7% e 9,2% ter respondido "não" aos dois primeiros itens revela que as pessoas conseguem identificar a particularidade tipológica desta zona da cidade e que foi idealizada segundo os diversos princípios dos planos urbanísticos. Apenas 10,9 % afirma que não é um conjunto de ruas de uma mesma freguesia, sendo possível concluir que os limites são dificilmente reconhecidos pelas pessoas.

Um dos dados mais relevantes a retirar desta estatística é aquele em que 70% da amostra não associa um bairro a um dormitório, complementado com outros dois factores: "Existe comércio tradicional" e "Existe vivência diurna da rua", com percentagens aproximadas de 75% e 80%, respectivamente. O facto de apenas 1,7%, 0,8% e 0% da amostra ter respondido "não" às premissas "Existe vivência nocturna de rua", "Existem espaços verdes e jardins" e "Existem relações de vizinhança", respectivamente, indica uma forte movimentação e interação entre os

indivíduos que vivem ou visitam o bairro. O facto que haver programa - como o comércio tradicional - e espaços propícios à permanência - como os espaços verdes e jardins - promove as relações de vizinhança e movimentação das ruas. As percentagens dos últimos dois itens revelam que, na maior parte das vezes, o bairro contém uma população heterogénea.

3.3. Estudo dos bairros envolventes do Pólo Universitário da Ajuda

Foi realizado um estudo no primeiro semestre do ano lectivo 2012/2013 pelos alunos Haruna Izutani, Jorge Wong e Maria Ferreira sobre os bairros que se encontram nos arredores do Pólo Universitário da Ajuda.



Figura 31 - Localização dos bairros consolidados na envolvente do Pólo da Ajuda

Retirado do trabalho de Haruna Izutani, Jorge Wong e Maria Ferreira; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Bairros Consolidados e Edifícios Notáveis.

Consoante as diversas necessidades que emergiram desde o século XVIII, a população instalou-se de diferentes formas.

Depois do terramoto de 1755, a população precisava de se sentir segura:

1. Bairro da Ajuda

Com a instalação de fábricas, era necessário albergar os seus operários:

2. Bairro Santo Amaro de Alcântara

Surge uma nova política – o Estado Novo – e o programa de casas económicas para famílias desfavorecidas:

3. Bairro do Alvito

4. Bairro Novo de Belém/Bairro das Terras do Forno

5. Bairro do Restelo – Rua Duarte Pacheco Pereira

6. Bairro do Alto da Ajuda e Caramão

Edifícios mais altos se constroem e alguns bairros edificadas têm carácter de bairro social, pertencentes ao programa BIP/ZIP:

- De morfologias diferentes, os bairros são distribuídos devido à história dos mesmos e das pré-existências. É possível verificar que os mais antigos geralmente encontram-se mais a sul, ao contrário dos mais recentes, mais perto do actual Pólo Universitário. A excepção é o bairro do Alvito, que é privilegiado de brilhantes vistas para o rio. Os bairros sociais (Casalinho da Ajuda e 2 de Maio) encontram-se a sul do Pólo.

The map illustrates the urban structure of the Bairro do Alvalade area in Lisbon, divided into several neighborhoods and their relationships to public buildings and spaces. The map is organized into a grid with labels for different areas:

- EQUIPAMENTOS PÚBLICOS** (Public Buildings): Located at the top left.
- PRE-EXISTÊNCIAS** (Pre-existing): Located at the top right.
- ESPAÇO PÚBLICO** (Public Space): Located at the bottom left.
- RELACIONADOS COM EDIFÍCIOS NOTÁVEIS** (Related to Notable Buildings): Located at the bottom right.

The map shows the following neighborhoods and their relationships:

- Bairro Novo de Belém** (top left)
- Bairro do Alto da Ajuda e Caramão** (top center)
- Bairro Casalinho da Ajuda** (top right)
- Bairro do Alvalade** (top right)
- Bairro do Alvalade** (middle left)
- Bairro do Alto da Ajuda e Caramão** (middle center)
- Bairro do Alvalade** (middle right)
- Bairro da Ajuda** (bottom left)
- Bairro Santo Amaro de Alcântara** (bottom center)
- Bairro do Restelo** (bottom left)
- Bairro do Restelo - Ilha da Madeira** (bottom right)
- Bairro Santo Amaro de Alcântara** (bottom right)
- Bairro Novo de Belém** (bottom right)

The map also shows the following public buildings and spaces:

- Bairro do Alvalade** (top left)
- Bairro do Alto da Ajuda e Caramão** (middle center)
- Bairro da Ajuda** (bottom left)
- Bairro Santo Amaro de Alcântara** (bottom center)
- Bairro do Restelo** (bottom left)
- Bairro do Restelo - Ilha da Madeira** (bottom right)
- Bairro Santo Amaro de Alcântara** (bottom right)
- Bairro Novo de Belém** (bottom right)

Figura 32 - Diagrama dos pontos em comum dos bairros estudados

41

A dissertação foi iniciada através do exercício "Construir no Construído - Alto da Ajuda" no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI no ano lectivo 2012/2013, 1º semestre. O objectivo seria criar uma proposta urbana que articulasse o campus com a cidade, Monsanto e Tapada e, como proposta arquitectónica, escolher entre a extensão da Faculdade de Arquitectura e o edifício para Residências Universitárias.



Figura 33 - Área de influência e Área de Projecto

Retirado do Documento 02 - Programa Geral "O Alto da Ajuda", Exercício sobre o Campus Universitário.



Figura 34 - Área do Campus

Retirado do Documento 02 - Programa Geral "O Alto da Ajuda", Exercício sobre o Campus Universitário.

Foram distribuídas diferentes áreas de trabalhos pelos diferentes grupos para a recolha de informação e análise da zona em estudo:

- 1º Grupo - Cartografia e Iconografia;
- 2º Grupo - Topografia, Geologia e Hidrografia;
- 3º Grupo - Os parques - Monsanto e Tapada;
- 4º Grupo - Bairros Consolidados e Edifícios Notáveis;
- 5º Grupo - Vazios e zonas desarticuladas envolventes;
- 6º Grupo - Planos em Vigor e outros;
- 7º Grupo - Campus, Projecto da Universidade Técnica e outros paradigmas;
- 8º Grupo - Residência de Estudantes, Programas, Células Típicas, Paradigmas;
- 9º Grupo - Faculdade de Arquitectura: Projecto, Existente, Paradigmas.

Através da identificação dos problemas e oportunidades da área em estudo, cada um dos grupos apresentou, mais tarde, uma estratégia urbana preliminar para a área de projecto baseada na análise realizada.

Individualmente, foi apresentada a definição de um programa de intervenção que se baseia no tema de projecto: "Campus-Bairro - Contributo para uma identidade do Pólo da Ajuda". Propõe-se aqui criar um bairro universitário como hipótese de estudo para uma proposta urbana.

Na elaboração do programa foram utilizados os conhecimentos obtidos através da recolha de informação que foi apresentada no estado da arte. O processo passou por:

- 1- Recolha sistemática da informação por tema com a organização temática exposta no estado da arte;
- 2- Análise das características da área com enfoque na identificação dos programas do lugar e envolvência;
- 3- Identificação das carências;
- 4- Construção de programa baseado nas carências identificadas e inspiradas pela temática exposta.

Posteriormente, foi escolhida a extensão da Faculdade de Arquitectura como objecto para o desenvolvimento de uma proposta arquitectónica, uma vez que constituía um desafio latente evidente, colmatar algumas lacunas actuais do edifício inacabado, completando-o agora na perspectiva conceptual de "bairro". Na procura de encontrar um caminho que interpretasse essa noção de bairro - nunca esquecendo que se trata de um equipamento público de ensino superior - foi necessária a pesquisa de outros projectos de referência que se tornaram determinantes para o resultado. Para além dessa recolha, foi estudada a organização actual da faculdade, evidenciando os pontos sensíveis do conjunto de edifícios, organizando um programa adequado para as necessidades dos seus utilizadores.

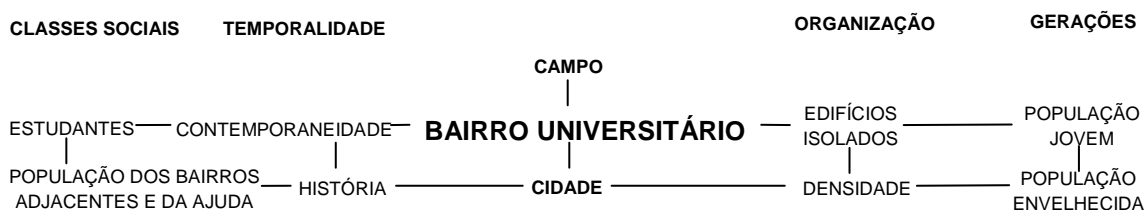
Finalmente, fez-se a avaliação dos projectos. A proposta urbana é avaliada sob as perspectivas de campo e cidade. A proposta arquitectónica é-o através dos limites propostos, da forma do edifício e da materialidade, tendo em conta o existente.

Todas as fases foram acompanhadas de esboços, desenhos, maquetas de estudo e diagramas explicativos, ferramentas de experimentação e representação das ideias.

1. PROPOSTA URBANA

A partir dos casos de estudo apresentados dos vários bairros que se encontram na envolvente do Pólo Universitário da Ajuda, o presente trabalho pretende apresentar uma proposta urbana com um carácter de Bairro Universitário (Campus-Bairro), revitalizando a identidade perdida pelas sucessivas construções mal consolidadas e desarticuladas no contexto alargado de trabalho. Os casos de estudo apresentados no capítulo 3 ajudam a complementar algumas premissas importantes para o projecto que se propõe, de um bairro universitário na cidade.

A área em estudo apresenta muitas assimetrias a vários níveis. Deficientemente inserido no contexto, o Pólo da Ajuda encontra-se de forma ambígua entre o campo (parque) e a cidade. O Pólo e a cidade apresentam características diferentes nos seguintes parâmetros: classes sociais, temporalidade, organização espacial e incidência geracional. O Bairro Universitário da Ajuda pretende ser o elemento unificador das diferentes variáveis: estudantes, contemporaneidade, edifícios isolados e população jovem - características actuais do Pólo da Ajuda - e população dos bairros adjacentes e da Ajuda, história, densidade e população envelhecida - características inerentes da cidade envolvente ao campus.



1.1. Campo (parque)

O Parque Natural de Monsanto foi interrompido pelo Campus Universitário, constituindo o limite do mesmo a Norte. Para colmatar essa interrupção optou-se por criar um corredor verde que atravessa o Pólo Universitário. Este corredor é implementado na linha de água do rio Seco. Relembra-se a Harvard University (capítulo 1.3.1.) no sentido em que se privilegia as áreas verdes como parte integrante do campus universitário.



Figura 35 - Diagrama das áreas verdes

1.2. Cidade

1.2.1. Organização

1.2.1.1. Malha urbana, ruas e espaço público

O Pólo da Ajuda compreende um conjunto de edifícios isolados. A proposta apresenta uma maior densificação, cuja malha se revela de forma ortogonal, uma vez que os edifícios instalados têm essa característica. As ruas no interior do campus seguem essa forma e, as exteriores, a forma dos limites. No entanto, segundo Alexander, as ruas que atravessam o campus deverão ser reduzidas ao essencial, para que se potencie o sentimento de pertença e para que o tráfego seja moderado (capítulo 1.2.1. Contextualização). Excessiva mobilidade e fluxos dentro do campus podem provocar ruído e sujidade, problemas enunciados no inquérito aos habitantes do bairro Peixería, em Coruña. A forma de acesso viário é sempre com continuidade, promovendo o trânsito com flexibilidade de percursos e facilidade de percepção da imagem do esquema viário. As velocidades elevadas podem vir a ser controladas através da colocação de calçada de granito, e o trânsito de passagem pela criação de duas vias para cada direcção da rua, possibilitando a ultrapassagem de forma segura. (João Branco Pedro, capítulo 2.1. Morfologia)

Assim, é possível reconhecer aquela zona diferente da cidade. Evidencia uma imagem clara do campus, pois é a partir das ruas que os cinco tipos de elementos de Lynch se organizam.



Figura 36 - Diagrama da malha urbana



Figura 37 - Diagrama com as ruas criadas e linha de limite

Também ortogonais, as ruas pedonais sugerem o factor surpresa enunciado por Gordon Cullen. À medida que o indivíduo percorre as ruas de cada conjunto, é surpreendido por uma grande vista que depois é bloqueada pelo edificado. Mais à frente surpreende-se por uma outra vista, a uma cota inferior à da primeira, alterando a sua posição relativa entre o "Aqui e Além". (Gordon Cullen, capítulo 2.1. Morfologia). Ao longo do percurso, as ruas estreitam-se e alargam-se e, de repente, o indivíduo depara-se com uma praça aberta. As ruas, estreitas e largas, a diferentes níveis, onde é possível vislumbrar subitamente uma paisagem incrível sobre a frente Ribeirinha, sobre o Palácio e a Torre do Galo, sobre o Parque Natural de Monsanto, ou mesmo sobre os edifícios das faculdades, proporcionam diferentes emoções no

indivíduo. Como Lynch admite, existe uma certa mistificação no labirinto ou surpresa (capítulo 2.1. Morfologia). No entanto, adverte que tem de ser trabalhado, evitando a possibilidade de as pessoas se perderem ou encontrarem uma rua sem saída. A proposta evidencia, assim, contrastes bem marcados, permitindo a identificação do Homem ao lugar e, ao mesmo tempo, sentindo-se seguro, uma vez que a solução apresenta ruas com um princípio e um fim, onde é possível ver e ser visto. O espaço público é contínuo ao nível do piso térreo, proporcionando o encontro com aqueles que percorrem as ruas e aqueles que permanecem no lugar. Todos os espaços públicos convidam à permanência e os indivíduos podem disfrutar das diferentes vistas. Nos cruzamentos é também possível encontrar praças públicas com uma largura menor que 21 metros, como é sugerido por Christopher Alexander, no capítulo 2.3., Espaço público.

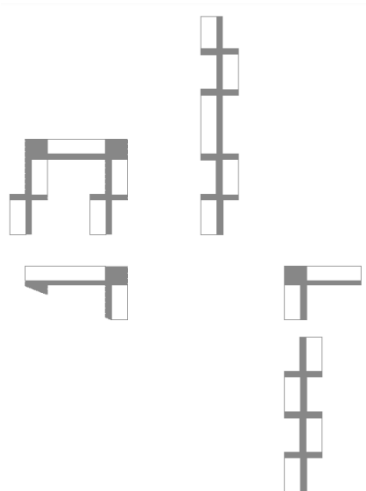


Figura 38 - Diagrama do espaço público nos pisos térreos

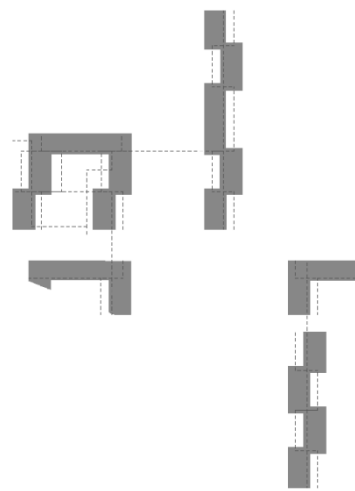


Figura 39 - Diagrama dos percursos pedonais nos pisos térreos

1.2.1.2. Forma do edificado

Os edifícios instalados no Pólo apresentam uma escala desmesurada relativamente aos edifícios de habitação que os circundam. Por isso, optou-se por criar uma solução de três pisos no máximo. A cota máxima dos edifícios é irregular, acompanhando a topografia, que vai descendo na direcção Norte-Sul. São introduzidos conjuntos habitacionais e a Faculdade de Arquitectura sofre uma expansão no sentido Oeste, alinhada relativamente à Faculdade de Medicina Veterinária.

A proposta pretende ser uma parte estimulante da cidade que contribua para uma urbe multifacetada, como sugere Rossi (capítulo 2.1. Morfologia). A solução apresenta uma forma que evidencia ritmo, cheios e vazios, jogos de luz, entre outros factores que permitem uma experiência única da arquitectura.

Segundo João Branco Pedro, os edifícios de implantação pontual levam à perda de relações de vizinhança, conduzindo ao vandalismo, e são uma obra dispendiosa. Portanto, a proposta apresenta os outros dois tipos: edifícios de implantação fechada e linear, proporcionando

interacção entre indivíduos. São formas que permitem uma densidade média-elevada e obras pouco dispendiosas.

A Sul, na envolvente do Palácio da Ajuda, são introduzidos também edifícios de implantação fechada e linear para dar continuidade à tipologia do edificado existente, requalificando o espaço envolvente da zona histórica.

1.2.1.3. Programa do Campus-bairro e os seus limites

A criação de um bairro no Pólo da Ajuda não pode ser pensado como um bairro tradicional: voltado em si mesmo, equiparando-o a um ambiente rural. As faculdades só por si promovem um estilo de vida em constante mutação: os alunos estudam em média cinco anos, e os alunos em Programa ERASMUS apenas frequentam um semestre ou um ano. Portanto, os pisos de habitação do edificado proposto são direccionados a esses alunos e a famílias que precisem de uma habitação emergente.

Hoje, um bairro é encarado de uma forma diferente: a mobilidade é um factor indispensável neste caso, em que as funções dos equipamentos públicos actuais não permitem o enraizamento dos seus utilizadores ao espaço. No entanto, a proposta urbana sugere a melhoria da qualidade de vida dentro do bairro, oferecendo funções variadas e ruas atractivas com espaços e equipamentos públicos. Assim é possível criar-se uma característica própria ao lugar, distinguindo-se na cidade.

Um bairro não é uma vila ou aldeia isolada que não estabelece laços com o exterior. Um bairro encontra-se no meio da cidade, onde é desejável estabelecer contacto com o exterior e com a figura do "estranho", enunciado por Jacobs (capítulo 1.2.1. Contextualização). A autora também refere a importância da segurança das ruas. A solução resolve os três elementos enunciados no capítulo 2.1. Ruas: a diferenciação entre o espaço público e privado é simples: apenas o piso térreo é público, sendo privados os restantes pisos do edificado; introduzir um programa atractivo para dar razões às pessoas para circularem nas ruas e, assim, resolve-se também o último elemento que é o controlo visual. Se houver movimentação nas ruas e uma razão para as pessoas observarem os acontecimentos exteriores, as ruas são seguras. Actualmente, é possível usufruir de uma cantina, de uma sucursal de um banco e de um ginásio. Ao nível do piso térreo, para além de cafés e restaurantes com respectivas esplanadas, a proposta sugere comércio tradicional - talho, padaria e mercearia - lavandarias comunitárias, espaços polivalentes para diversos eventos, farmácia, papelaria, posto de correio, supermercado e recepções para os habitantes dos edifícios de habitação. Estas funções encontram-se distribuídas pelo campus, à imagem da Harvard University (capítulo 1.3.1.) e constituem factores de atracção para os estudantes e população envolvente ao campus. São usos de que toda a população precisa para sobreviver, promovendo assim a segurança das ruas e qualidade de vida dos habitantes e visitantes do bairro.

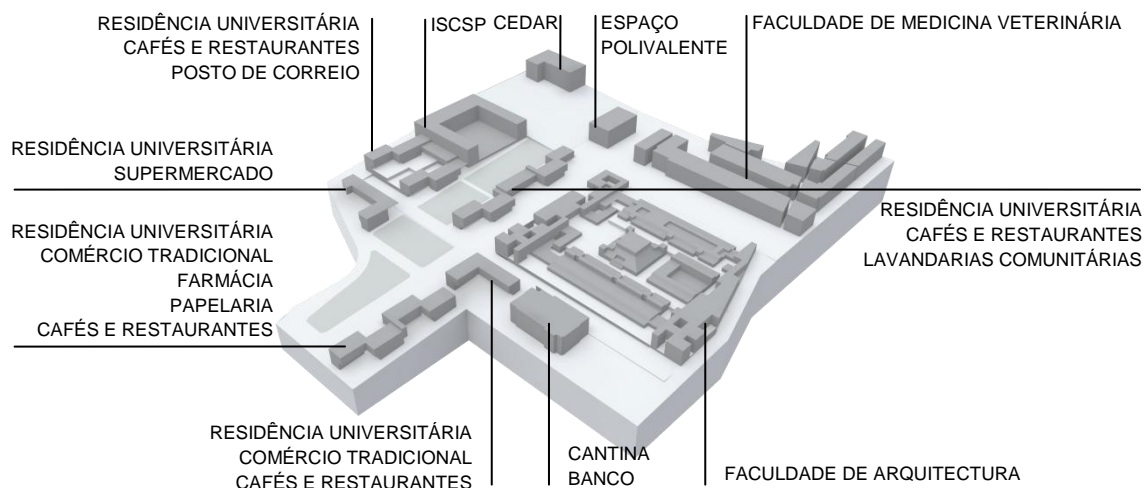


Figura 40 - Programa da proposta urbana

Para evitar o isolamento - como acontece com a Middle East Technical University que se encontra totalmente circundada por limites naturais sem comunicação com o exterior (capítulo 1.3.2.) - retoma-se a teoria de Alexander, no que diz respeito aos limites de uma subcultura. Segundo o autor, é necessário haver espaços de encontro e equipamentos públicos que se tornem espaços comuns para as diferentes subculturas envolventes.

Neste caso não serão precisas "gateways" a Norte, uma vez que o campus tem a oportunidade de se encontrar com um limite natural de grande extensão. A Sul, em contacto com a cidade, a "gateway" é protagonizada por uma rua de árvores e um marco simbólico inserido à "entrada" do bairro. Os limites devem ser claros, como Lynch afirma, evitando a criação de bairros decadentes, enunciados por Jacobs. O limite deverá ter um carácter simbólico, funcional e integrador, criando rituais, tradições e memórias. Desta forma, cria identidade.

1.2.2. Temporalidade

A identidade hoje é vista como um conceito particular. E para que prevaleça ao longo de várias gerações são necessários artifícios - como Gorjão Jorge defende no capítulo 1.1. Identidade - uma vez que sem eles a memória colectiva deixa de existir. Segundo Rossi, os monumentos são exemplos que proporcionam a memória colectiva da história de um determinado lugar. Uma das assimetrias envolventes é a da zona histórica protagonizada pelo Palácio da Ajuda, Torre do Galo e o Jardim Botânico da Ajuda, pontos marcantes da Ajuda. No entanto, o Pólo é uma construção recente e sem ligações físicas imediatas à

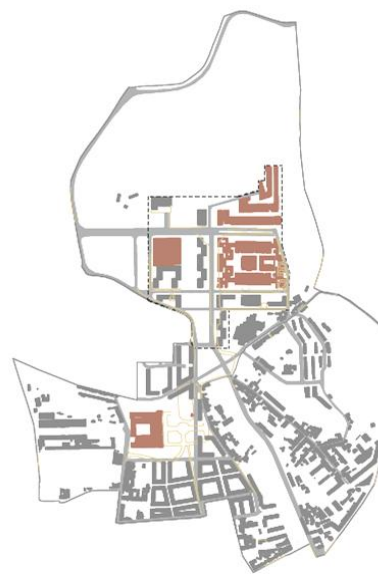


Figura 41 - Diagrama dos pontos marcantes e vias

zona histórica. Logo, de história tem ainda muito pouco. Hoje a ligação que se estabelece é apenas visual. Proporcionando ligações directas, é possível relacionar os habitantes do campus-bairro com o património histórico da área em estudo. A proposta também apresenta espaços para ligações visuais para o mesmo. Assim, história e contemporaneidade interligam-se de forma fluída, promovendo a memória colectiva para acontecimentos passados e futuros e principalmente contrariando as construções inacabadas e de carácter "provisório" que caracterizam toda a área envolvente.

1.2.3. Classes sociais e Gerações

Um dos grandes objectivos da proposta é o de estabelecer o contacto com as populações envolventes ao Pólo, pois hoje o campus encontra-se segregado do resto da cidade. Para isso, as funções devem estar direccionadas tanto para os estudantes como para as populações. No entanto, há que ter em conta a questão da homogeneidade e heterogeneidade social.

Actualmente existe homogeneidade social no Pólo, por nele se encontrar maioritariamente população jovem. A homogeneidade pode ser um factor apaziguador, sem gerar conflitos, pois todos partilham o mesmo estilo de vida. No entanto, gera limitações à liberdade e à mudança, e intolerância ao que é diferente. As pessoas devem sentir-se confrontadas com os diferentes estilos de vida, educação e gostos para o enriquecimento pessoal (António Gonçalves, capítulo 1.2.3. Homogeneidade e heterogeneidade social). Para isso, foram projectadas residências direccionadas para alunos, professores e investigadores e também para pessoas exteriores, uma vez que se propõe habitação de carácter temporário. Pretende-se uma residência que não seja limitada aos utilizadores das faculdades para um enriquecimento de experiências.

O edificado proposto é organizado por conjuntos diferentes. Cada um segue os mesmos princípios: existem várias entradas para aceder às habitações no piso térreo para evitar o controlo social (1.2.2. contacto social e privacidade). Os restantes pisos encontram-se ligados através de um corredor. Neste é possível ser-se surpreendido pelas vistas do lado contrário ao das habitações. As cozinhas são partilhadas para troca de experiências. Estas interrompem pontualmente os corredores de acesso aos quartos e, assim, se se quiser preservar a privacidade, não serão vistos por todos os residentes que partilham o mesmo piso. Apenas por aqueles que partilham a cozinha que se encontra mais próxima dos diferentes quartos.

Fazendo parte de uma grande cidade, que apresenta heterogeneidade social e diversas ofertas de estabelecimentos públicos, a proposta promove a tolerância nos indivíduos, e este sentimento evidencia-se quando as ruas são seguras, quando se encontra uma infraestrutura adequada que promova convivência civilizada, e quando o contacto social se encontre reservado.

As residências estão organizadas para que haja liberdade de escolha dos seus habitantes: existe a possibilidade de estabelecer contacto social, assim como a possibilidade de preservar

a sua privacidade. Não se pretende criar um bairro no Pólo como lugar de comunidade, pois pode promover o controlo social máximo, segundo António Gonçalves (capítulo 1.2.3. Homogeneidade e heterogeneidade social). Mas, sim, a possibilidade de estabelecer relações com outros indivíduos, consoante o carácter de cada um.

O carácter temporário das habitações não permite um grande enraizamento, mas que, ao menos nesse tempo, seja possível haver espaços para partilhar experiências e confrontar-se com diferentes estilos de vida para enriquecimento pessoal.

2. PROPOSTA ARQUITECTÓNICA

2.1. Projecto de Augusto Pereira Brandão e a Faculdade de Arquitectura hoje

A Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (FAUL) foi a primeira concebida no Pólo Universitário da Ajuda. Com 18 888 m² de área de implantação total num terreno de 37 998 m² de área. Hoje frequentam-na cerca de 2800 estudantes.



Figura 42 - Vista superior da FAUL

Retirado do Trabalho de Catarina Coimbra, Cláudia La Perna, Nuno Maximiano, Rodolfo St'Aubyn; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Faculdade de Arquitectura

A faculdade foi projectada pelo arquitecto Augusto Pereira Brandão, cujas obras foram começadas em 1989 e terminadas em 1993, e finalmente inaugurada em 1994. O arquitecto também contribuiu para o desenho urbano do Pólo, que mais tarde sofreu alterações. A faculdade foi concebida para uma única Licenciatura em vez de seis, o que alterou os pressupostos do arquitecto para a apropriação dos edifícios criados.

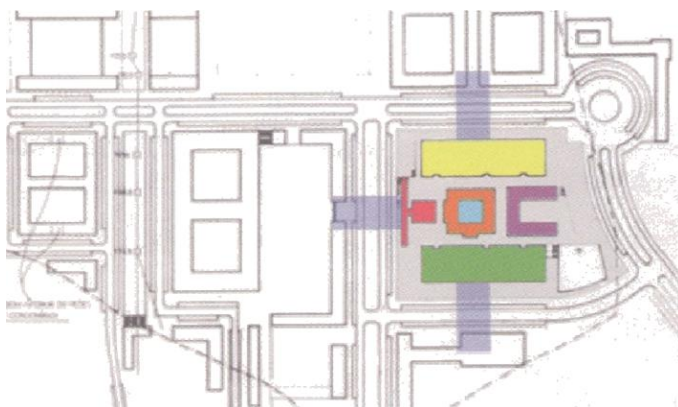


Figura 43 - Projecto Inicial (Usos)

Retirado do Trabalho de Catarina Coimbra, Cláudia La Perna, Nuno Maximiano, Rodolfo St'Aubyn; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Faculdade de Arquitectura

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ Professores ■ Salas de aula de Arquitectura 1º e 2º anos ■ Cubo - Área Modular destinada a aulas para grandes grupos ■ Biblioteca/Filoteca/Hemeroteca ■ Salas de Aula de Arquitectura 3º e 4º anos ■ Salas de Arquitectura 5º ano ■ Ligações directas às demais faculdades: Arquitectura Paisagista, Motricidade Humana, entre outras. | <ul style="list-style-type: none"> ■ Secretaria/Tesouraria/Cantina/Associação Académica/Sala de |
|--|---|

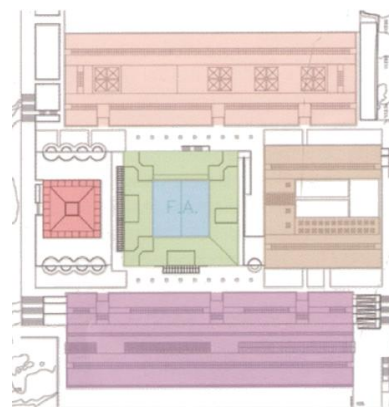


Figura 44 - Usos Actuais

Retirado do Trabalho de Catarina Coimbra, Cláudia La Perna, Nuno Maximiano, Rodolfo St'Aubyn; realizado em 2012/2013 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI: Faculdade de Arquitectura

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ Secretaria/Tesouraria/Administração ■ Salas de aula de Arquitectura/Gabinetes de Professores ■ Cubo - Área Modular destinada a aulas para grandes grupos ■ Biblioteca/Informática/Cartografia/Repografia ■ Mestrados ■ Serviços/Equipamentos/Salas de Aula urbanismo | <ul style="list-style-type: none"> ■ Academia/Sala de |
|---|---|

Por razões económicas, um dos edifícios projectados não foi construído. As naves foram planeadas para serem áreas de trabalho colectivo, no entanto, servem apenas para zonas de circulação, criando espaços residuais.

De forma pavilhonar e modular, a FAUL apresenta-se como uma construção de pilares e vigas em betão expostos. Foi intenção do arquitecto criar um ritmo exterior de pilares pintados em azul acompanhados de grandes envidraçados, ritmados também pela sua caixilharia. No interior, é possível verificar espaços amplos de duplo pé-direito, com acessos em escada caracol em ferro para aceder aos actuais gabinetes de professores. A cobertura é protagonista no que diz respeito às entradas de luz zenital através de ângulos a 45º que caracterizam a imagem da faculdade. O espaço público, lajeado, arrelvado e arborizado, permite o acesso aos diferentes pavilhões.

2.2. A proposta

A criação de uma noção de bairro numa faculdade pré-existente constitui o desafio proposto neste projecto, contrapondo uma dimensão humanizada a uma faculdade que impõe uma escala desmesurada e uma forma modulada que se apresentam definidas e difíceis de controlar. A proposta segue alguns dos paradigmas enunciados na definição da proposta urbana, pois foi a partir dos pressupostos do projecto da faculdade que a proposta urbana assentou e se desenvolveu. No entanto, esta apresenta um carácter específico, pois a intervenção numa faculdade deverá ter uma forma mais fechada ao exterior e não é planeada segundo as premissas de um conjunto habitacional.

Alguns projectos foram utilizados como referências ao projecto: para além do estudo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Delft University of Technology, o Centro Escolar de Vila Nova da Barquinha, de Manuel Aires Mateus, é um exemplo de uma escola que trabalha a noção de bairro pela fragmentação da escala em sub-módulos funcionais e simbólicos, conseguindo o controlo do espaço público e da própria forma, de maneira muito particular, simultaneamente fragmentária e unitária. A Moriyama House, de Sanaakazuyo e Nishizawa, reflecte também as premissas da ideia de bairro na sua morfologia.

Ainda é necessário referir alguns autores, como George Candilis, Alex Josic e Shadrach Woods, que se preocupam maioritariamente com os conceitos de humanismo e regionalismo, afirmando que a grande densidade através de edifícios altos não oferecia garantias de carácter urbano. Exemplo da sua obra é a Free University of Berlin.

As obras de Eduardo Chillida, a Casa Mudaz, de Paulo David, a instalação em Veneza, de Álvaro Siza Vieira, e finalmente a Salk Institute, de Louis Kahn, foram também referências relevantes para a elaboração da proposta.

A ideia de bairro como base conceptual da proposta na Faculdade de Arquitectura pretende finalmente promover o contacto diversificado e espontâneo entre os utilizadores da mesma, evitando o isolamento de quem trabalha nos diferentes pavilhões. Assim, partilham-se experiências, ideias, sensibilidades dos vários cursos e enriquece-se a massa crítica intelectual e social.

2.2.1. Limites

Os limites da faculdade hoje encontram-se definidos da seguinte forma:

Norte - Vegetação que antecede o pavilhão 4 da faculdade com uma cerca e um muro de suporte de terras, uma vez que a cota é mais elevada do que o parque de estacionamento exterior.

Sul - Terraço de grande dimensão que se encontra em frente ao pavilhão 6 da faculdade. Ao nível da rua é a entrada de estacionamento subterrâneo da faculdade.

Este - Muro da Tapada da Ajuda onde se encontra uma rua privada para automóveis para acesso ao estacionamento exterior da faculdade.

Oeste - Cerca que limita uma área verde que antecede o pavilhão 2 e as laterais dos pavilhões 4 e 6. No centro está localizada a entrada principal da faculdade. A plataforma encontra-se a um nível superior em relação à rua, sendo necessário aceder por escadas. A entrada secundária a Noroeste permite o acesso automóvel e a pessoas de mobilidade reduzida.

Em planta, é possível verificar-se os limites quase simétricos a Norte e Sul da faculdade pré-existente, uma vez que os pavilhões 4 e 6 apresentam a mesma largura e comprimento. O terraço a Sul e a zona verde a Norte têm também a mesma largura. Desta forma, a proposta apresenta a implantação de dois edifícios a Este e Oeste com o mesmo comprimento. Assim, evidencia um equilíbrio formal, tornando os edifícios propostos como novos limites. A Oeste a faculdade foi expandida no alinhamento da Faculdade de Medicina Veterinária para seguir os pressupostos da proposta urbana. A entrada principal mantém-se no mesmo sítio, possibilitando o acesso em rampa ou escadas. O pavilhão 2 é demolido. A Este a rua que acompanha a Tapada passa a ser de carácter público e o parque de estacionamento exterior deixa de existir. Uma vez que se trata de um serviço público protegido, cujas entradas são vigiadas, a proposta apresenta limites claros e físicos, promovendo segurança aos utilizadores da faculdade.

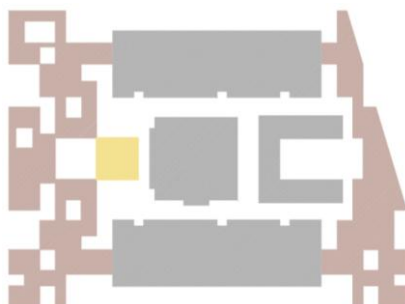


Figura 45 - Diagrama das alterações da Faculdade de Arquitectura

2.2.2. Forma do edificado

2.2.2.1. Percursos exteriores e espaço público

O espaço público é muito importante para um bairro. Assim também o é na actual Faculdade da Arquitectura em estudo. O espaço público proposto dá continuidade às plataformas pré-existentes e aos actuais percursos. É trabalhado de forma a que, ao nível do piso térreo, seja possível um percurso fluído sem interrupções de edificado. Apenas nas zonas em contacto com os pavilhões 4 e 6 - espaço de transição entre o pré-existente e o novo edificado - existe um envidraçado onde é possível estabelecer uma ligação visual com o outro lado. Desta forma, pode considerar-se um espaço público contínuo visualmente. Existem apenas dois pátios cerrados ao exterior no edifício a Oeste.

O vazio é tão importante como o cheio. Um bairro não se faz apenas por edifícios, mas sim pelas suas ruas. O percurso feito no exterior do edificado proposto relembra o exemplo de Cullen sobre Visão Serial (capítulo 2.2. Ruas). Nos diferentes pisos térreos, vencidos por escadas, o indivíduo é surpreendido a cada passo: ao passar por baixo de edificado, depara-se com um pátio, de seguida sobe umas escadas e muda a sua posição relativa, encontra uma praça, vira a esquina e depara-se com uma grande vista, avança mais um pouco e essa vista é bloqueada para depois novamente a encontrar inesperadamente nuns metros à frente. São percursos que despontam emoções diferentes a cada mudança de direcção. A proposta apresenta diferentes registos: espaços de permanência e de transição, cobertos e descobertos, altos e baixos, promovendo o encontro. Nenhum destes percursos é uma linha recta monótona, suscitando sempre a surpresa.

À semelhança da FAUP, que apresenta um pátio triangular entre os dois volumes, considerou-se essencial demolir o pavilhão 2 para que dê lugar ao vazio, pois seria o local de encontro de todos os utilizadores da faculdade, uma vez que todos os percursos desembocam nessa zona, lembrando a teoria de Christopher Alexander, no capítulo 2.3. Espaço Público.

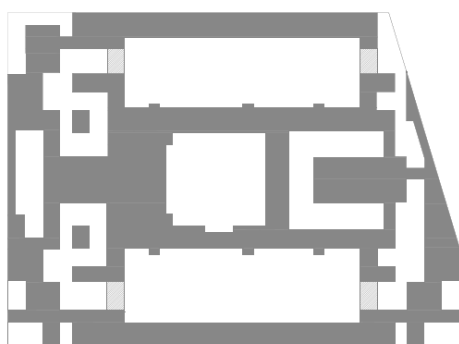


Figura 46 - Diagrama do espaço público nos pisos térreos

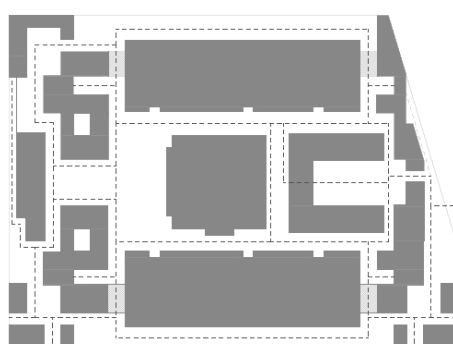


Figura 47 - Diagrama dos percursos pedonais nos pisos térreos

2.2.2.2. Programa e circulação interior

Actualmente, para transitar de um pavilhão para outro, é necessário vestir o casaco nos dias de maior frio e muitas vezes usar o chapéu-de-chuva nos dias de maior precipitação. O mesmo

acontece com pessoas de mobilidade reduzida, tendo estas maior dificuldade nos percursos, uma vez que são reduzidos. A proposta apresenta uma solução que visa a comodidade através de uma circulação interior que une os edifícios propostos aos pavilhões 4 e 6. Esta solução provém da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (capítulo 1.4.1.) que, como já referido, contém uma passagem subterrânea que une todos os edifícios da mesma. As plataformas são vencidas através de rampas interiores de que pessoas com mobilidade reduzida possam também usufruir. Para realçar a surpresa e a singularidade, cada uma das rampas é concebida de forma diferente, sendo em todas possível estabelecer ligações visuais para os diferentes pisos, propiciando o encontro. Ao longo do percurso interior, para além de dar acesso às diferentes funções, é possível ser-se surpreendido por vistas para o exterior. É também um espaço que pretende ser uma exposição dos trabalhos dos alunos ou anúncios, à semelhança da Faculdade de Arquitectura de Delft (capítulo 1.4.2).

Cada um dos edifícios propostos tem 3 zonas de circulação vertical com elevadores e escadas de emergência para os diferentes pisos. As instalações sanitárias localizam-se junto aos acessos.

Horizontalmente, a estrutura do edificado proposto é a mesma da do edificado pré-existente.

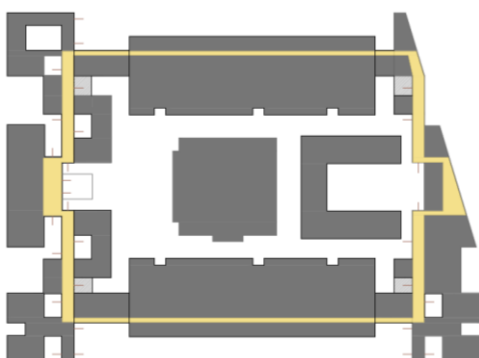


Figura 48 - Diagrama do percurso principal entre os edifícios novos e os pavilhões 4 e 6

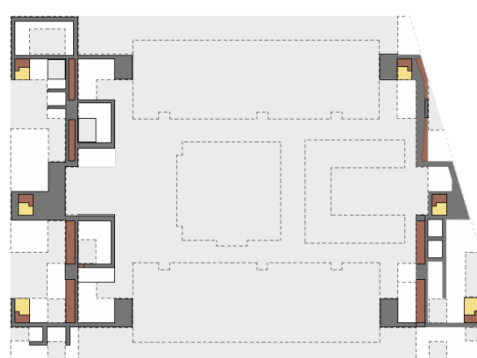


Figura 49 - Diagrama dos acessos verticais, horizontais e zonas frias

2.2.2.2.1. Edifício Oeste

O edifício Oeste constitui a fachada principal da faculdade, uma vez que apresenta uma nova frente de rua e é a partir deste que se encontra a entrada principal. Ao nível do piso térreo, à cota 106, antes de entrar na faculdade, encontram-se serviços, tais como loja informática, papelaria, reprografia e livraria, de carácter público. Relembra-se a teoria de Alexander no que diz respeito ao ponto de encontro dos limites (capítulo 2.4. Limites). Desta forma, os serviços instalados são direccionados a todos, potenciando o contacto de diferentes "subculturas". Estes serviços, que actualmente se localizam no pavilhão 6, passam a ser zonas de arrumos, devido à pouca incidência de luz natural.

Entrando no edifício pela porta principal, encontram-se os serviços de secretaria, tesouraria e posto de segurança, acompanhados de uma zona de espera interior com uma área razoável,

ao contrário do que existia no "antigo" pavilhão 2. Nessa zona estão também localizadas instalações sanitárias e acessos verticais. Foi criado um pátio para que as pessoas possam esperar ao ar livre e que, ao mesmo tempo, serve como entrada de luz para estes serviços.

Perto da entrada, encontra-se a associação de estudantes para que os actuais e futuros estudantes possam esclarecer dúvidas. O auditório nobre localiza-se no piso acima, perto dos acessos da entrada principal, para que pessoas exteriores possam aceder facilmente

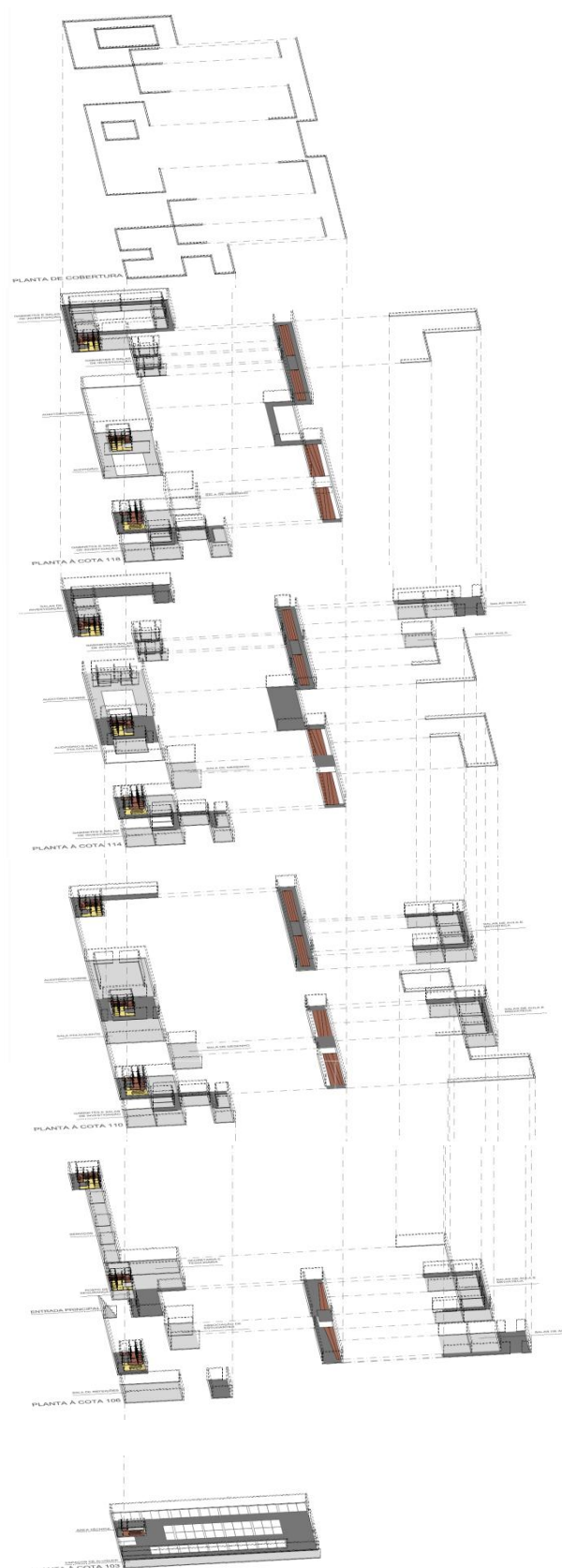
ao mesmo para assistir a conferências. Estas depois podem usufruir da paisagem, à cota 114, depois da possibilidade de consumo na copa de apoio disponível. O actual auditório, localizado no Cubo, deixa de ter essa função por se evidenciar pequeno e propõe-se a sua

adaptação para uma sala multimédia, uma vez que não incide luz natural e por conter recursos disponíveis para esta nova funcionalidade. Os restantes pisos são ocupados por salas de aula, salas de desenho, sala polivalente e um pequeno auditório. Os últimos pisos são

maioritariamente ocupados por gabinetes para professores e salas de investigação, evitando o ruído e movimento dos pisos inferiores. A entrada de luz faz-se a partir das reentrâncias da forma e dos pátios.

Todos estes serviços enunciados encontram-se à esquerda das circulações interiores principais do edifício. Ao contrário do lado esquerdo, cuja cota mais elevada mantém-se, à direita, as cotas máximas do edifício diferem de acordo com as

cotas máximas dos edifícios pré-existent das diferentes plataformas, evitando uma imposição



muito forte perto dos mesmos. As coberturas são percorráveis e, como as cotas vão descendo em direcção Norte-Sul, é possível obter enquadramentos visuais para a frente ribeirinha e para a zona histórica. O seu programa consiste em salas de aula e salas multimédia.

2.2.2.2.2. Edifício Este

Ao nível da forma, o edifício Este é semelhante ao edifício anteriormente descrito. Altera-se devido à menor largura de espaço a Sul e ainda menor a Norte. Deixa de ser totalmente ortogonal para passar a ser enfiado a determinado ponto. As entradas de luz fazem-se da mesma forma; do lado da rua, a cota máxima é a mesma, ao contrário do lado esquerdo das circulações. Estas vencem os diferentes pisos igualmente através de rampas.

No entanto, a nível de programa é distinto. É um edifício direccionado para execução de trabalhos individuais e de grupo, onde se encontram oficinas, laboratórios e zonas de trabalho, espaços necessários para a realização das diferentes tarefas exigidas aos alunos dos diferentes cursos. A forma de interligação é feita através de uma combinação dos dois átrios da Faculdade de Arquitectura de Delft (capítulo 1.4.2.). Foi proposta uma escada que se desenvolve desde o piso térreo ao último, constituindo um auditório informal, onde poderá ser possível assistir filmes ou actuações da tuna da faculdade, entre outras actividades. No vão dessas escadas encontram-se as oficinas. Este pormenor assemelha-se ao átrio envidraçado a Este da BK city. O espaço das "antigas" oficinas, localizadas no pavilhão 6, passa a ser um espaço de exposição de trabalhos de projectos ou de fim de curso, devido à entrada de luz superior e difusa. Os laboratórios e zonas de trabalho encontram-se nos pisos superiores, através de mezanines, assemelhando-se ao átrio envidraçado a Sul da BK city. A partir das circulações principais do edifício, pode aceder-se aos diferentes patamares da escada e aos diferentes mezanines. É uma zona que promove o contacto visual entre os utilizadores

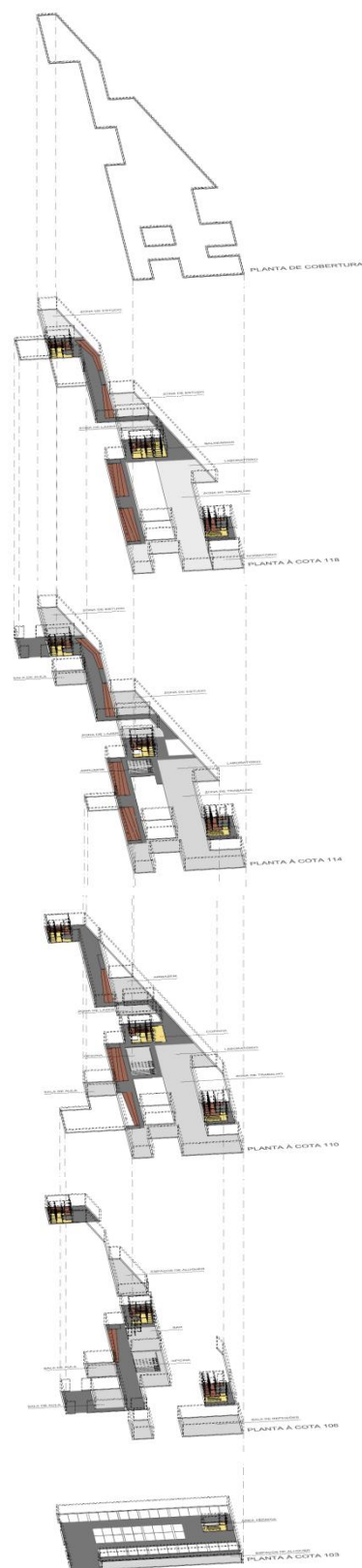


Figura 51 - Diagrama do programa do edifício Este

destes espaços, propiciando o encontro, evitando o isolamento dos alunos dos diferentes cursos e divulgando o conhecimento dos diversos tipos de trabalhos que se realizam na faculdade.

No piso térreo à cota 106, encontra-se o bar, cuja esplanada se encontra coberta. A partir da rua, é possível o acesso automóvel para entrega de mantimentos para o bar, sempre que necessário. Ainda existem dois espaços de aluguer para eventuais ateliers de arquitectos ou outros fins. A sul, encontra-se uma sala de refeições para alunos que tragam comida de casa, pois, hoje em dia, alunos que tenham esta rotina, não têm um espaço dedicado para isso. No edifício também existem zonas de estudo, de lazer, uma cozinha partilhada, balneários e um pequeno dormitório.

O parque de estacionamento à cota 103 mantém-se no mesmo local. Sofre uma expansão no seu comprimento até ao limite dos edifícios novos. Em alçado Sul, encontra-se uma rampa de acesso à faculdade, permitindo um fácil acesso entre a faculdade e a cantina. São criados também espaços de aluguer, dinamizando a rua que se encontra a Sul da faculdade.

2.2.3. Materialidade

Os edifícios novos pretendem distanciar-se do ritmo de pilares em vista da faculdade actual, apresentando uma nova imagem. De sistema estrutural pilar-viga, os diferentes materiais aplicados foram escolhidos principalmente pela imagem que dariam nas fachadas para as ruas exteriores. Em primeiro plano, a fachada é cega e é feita por betão *in situ*, recorrendo a uma estereotomia horizontal. Evoca uma sensação de robustez e de limite intransponível. No segundo plano, é colocado sistema *u-glass*, evidenciando um ritmo vertical, contrariando o primeiro plano. Inspira leveza e transparência em contraste com o betão *in situ*. Por último, foram introduzidos azulejos da empresa Viúva Lamego no corpo onde se localiza a circulação interior protagonizada pelas rampas. Apresentando um padrão quadrangular, são interrompidos por vãos de tijolo de vidro para efeitos de entradas de luz. O azulejo foi escolhido por ser um material tradicional na arquitectura portuguesa. As fachadas apresentam assim diferentes estereotomias e, através de cheios e vazios, avanços e recuos, a solução transmite ritmo e contrastes.

O pavimento interior distingue-se entre espaços de permanência e de circulação: mosaicos do tipo Somor e pavimento flutuante em madeira, respectivamente. O pavimento exterior e as coberturas são revestidas por lajetas de betão.

As paredes interiores são maioritariamente de reboco pintado de branco - exceptuando o auditório nobre, onde se aplica madeira devido ao controlo do som - e cortiça nas zonas de circulação para exposição de trabalhos e anúncios.

Em síntese, e de acordo com o exposto, o Pólo da Ajuda actualmente encontra-se desintegrado da cidade e do parque. A proposta urbana pretende enquadrá-lo, estabelecendo uma ponte entre cidade-campo, baseada na noção de identidade de bairro.

O "campo" é integrado através de um corredor verde desde o Parque Natural de Monsanto pela linha do rio Seco.

A "cidade" é integrada através de uma maior densidade, da ligação directa à zona histórica e do encontro entre utilizadores das faculdades pertencentes ao Pólo e à comunidade exterior, utilizando os seguintes meios:

- praças públicas nos cruzamentos de tamanho adequado;
- um programa que proporciona ruas atractivas, promovendo segurança;
- limites bem demarcados com um programa atractivo;
- percursos pedonais criados para suscitar surpresa através do conjunto de vistas para o Parque Natural de Monsanto, frente ribeirinha e zona histórica;
- uma imagem clara e legível das ruas ortogonais criadas, para que o indivíduo se sinta confortável e seguro;
- edifícios de implantação fechada e linear, promovendo uma densidade média-elevada.

O projecto apresenta uma composição formal que exige obras pouco dispendiosas. O contacto social é reservado devido à organização dos edifícios de habitação. A proposta apresenta contrastes bem marcados, proporcionando diferentes emoções ao indivíduo à medida que circula no campus.

Implementada a ideia de bairro, a proposta da Faculdade de Arquitectura apresenta uma solução que pretende promover o encontro dos utilizadores da mesma nos diferentes cursos e departamentos, na tentativa de colmatar as lacunas existentes, reveladas por uma apropriação desadequada do projecto de Augusto Pereira Brandão. Assim, a proposta apresenta:

- limites aparentemente simétricos bem marcados e físicos, pois trata-se de um serviço público fechado e vigiado;
- um espaço público contínuo, fluído e sem rectas monótonas, suscitando a surpresa nos seus percursos. As mudanças de direcção, passar por baixo de, subir e descer, praças e pátios despertam um conjunto de emoções diferentes no indivíduo que percorre o espaço exterior;
- uma circulação interior circular que abrange os dois novos edifícios e os pavilhões 4 e 6. As plataformas são vencidas através de rampas para que pessoas de mobilidade reduzida possam circular pela faculdade sem apanhar chuva ou frio;

- um percurso interior que pretende suscitar surpresa, através de vistas para o exterior, e promove o encontro através das ligações visuais entre os diferentes pisos;
- um programa que fomenta a troca de ideias - concentrando as áreas de trabalho - o encontro, a ida de pessoas exteriores aos serviços instalados a Oeste; o auditório nobre, facilmente acessível, e a privacidade de professores e investigadores nos seus gabinetes e salas de investigação nos últimos pisos;
- entradas de luz a partir da forma do edificado;
- conjunto de vistas proporcionadas pelas coberturas que vão descendo na direcção Norte-Sul;
- fachadas que apresentam ritmo e contrastes através da materialidade.

Assim, a identidade de bairro é potencialmente criada e salvaguardada por:

- limites claros, funcionais e integradores, que criam rituais, tradições e memórias;
- ligações trabalhadas e directas ao Palácio da Ajuda e à Torre do Galo para que se tornem artifícios promotores da memória colectiva para acontecimentos passados e futuros;
- uma zona particular e diferenciada da cidade, promovendo uma identidade de referência cultural na cidade.

Ciente da especificidade deste "bairro" - no qual não há raízes, homogeneidade ou sequer permanência - procura-se criar condições de conforto, comodidade, envolvimento, convivialidade, facilitadoras da partilha de experiências e culturas que, essa sim, permanece na memória afectiva dos que habitaram aquele que puderam um dia chamar o seu bairro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Christopher - *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977
- ALFAYA, Luciano - *Unha mirada complementaria da Coruña*. Galicia: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 2011
- CASTELLS, Manuel - *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003
- CRUYEN, Dennis; HEIJER, Alexandra den; LEIJ, Etty van der - *Making of BK Ctiy*. Delft: TU Delft, 2009
- CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983
- GONÇALVES, António Custódio - *Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. Porto: Revista da Faculdade de Letras - Geografia, 1988
- JACOBS, Jane - *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- JENKS, Mike; DEMPSEY, Nicola - *Challenges for empirical research*. Oxford: Oxford Brooks University, 2007
- JORGE, José Gorjão - *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007
- LEGATES, Richard T., STOUT, Frederic - *The City Reader*. New York: Routledge, 1996
- LEVENE, Richard – *Álvaro Siza: 1958-2000*, 2000. Madrid: El Croquis. Nº95
- LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009
- MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos Henriques; SÁ, Teresa; CRESPO, José Luís - *A Cidade entre Bairros*. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2012
- PEDRO, João Branco - *Programa Habitacional: Vizinhança Próxima*. Lisboa: LNEC, 2002
- ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001
- SILVANO, Filomena - *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*. Lisboa: Celta Editora, 2001
- SILVANO, Filomena - *Territórios da Identidade*. Oeiras: Celta Editora, 1997
- STEINER, Frederick R., BUTLER, Kent - *Planning and Urban Design Standards*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007
- TAVARES, Gonçalo M. - *O Senhor Valéry e a lógica*. Alfragide: Editorial Caminho, 2002
- PDM Lisboa 2012. Publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 168 de 30 de Agosto de 2012. [Em linha]. [Consult. Dezembro 2012]. Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal>>

Assistência a Colóquio "As Cumplicidades de Bairro". 2013, realizado na Universidade Autónoma de Lisboa

Visionamento de filme de Jacques Tati - *Playtime*. 1967

Consulta de trabalhos realizados por alunos do 5ºB da FAUL, realizado no primeiro semestre do ano lectivo 2012/13 no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI:

Ana Reis, Ana Rita Ramalho e Irene Manera - *Cartografia e Iconografia*.

Catarina Coimbra, Claudia La Perna, Nuno Maximiano, Rodolfo St'Aubyn - *Faculdade de Arquitectura*.

Isabel Ezequerra, Rui Gameiro e Vanessa Almeida - *Campus, Projecto da Universidade Técnica e outros paradigmas*.

Haruna Izutani, Jorge Wong e Maria Ferreira - *Bairros Consolidados e Edifícios Notáveis*.

Sites Consultados

2.bp.Blogspot [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_0m-W-JZEZaE/SZQRyZomECI/AAAAAAAAAxxo/naL2JybjJi8/s400/faup.jpg

AESOP 2012 Ankara [Em linha]. [Consult. Junho 2013]. Disponível em: <http://www.arber.com.tr/aesop2012.org/index.php/page,38,venues>

Archello [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/story/media/maquett%20ehal7%20-%20Copyright%20Marc%20Faase%202009.jpg

Archello [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/story/media/maquett%20ehal12%20-%20Copyright%20Marc%20Faase%202009.jpg

Archilovers [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://img.archilovers.com/projects/b_730_bb7b6822-17ad-41b7-9a36-30a6dbac6238.jpg

E-architect [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/holland/why_factory_delft_mvrdv131009_1.jpg

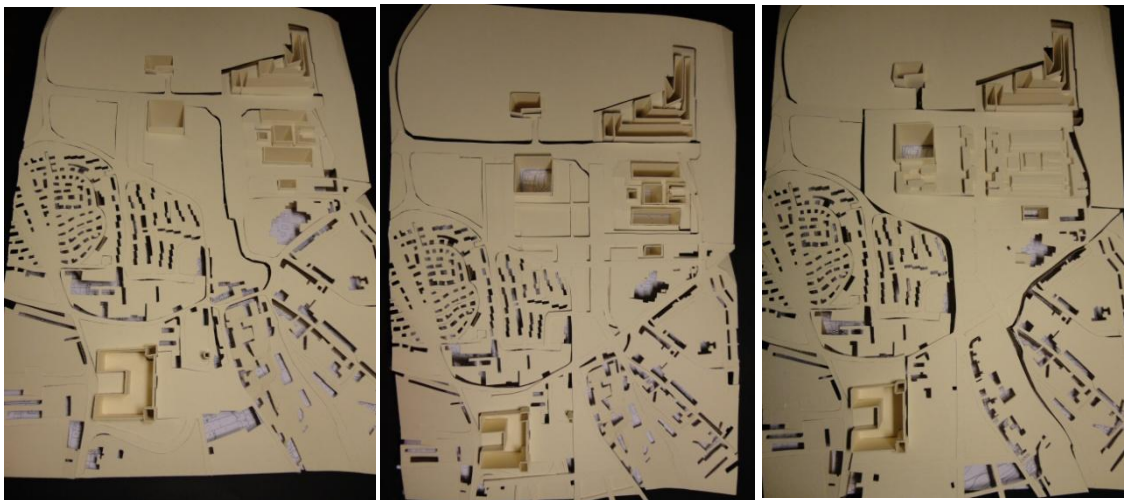
Farm6.staticflickr [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://farm6.staticflickr.com/5136/5528420151_496c08ae98_z.jpg

Google Maps [Em linha]. [Consult. Junho 2013]. Disponível em: www.maps.google.com

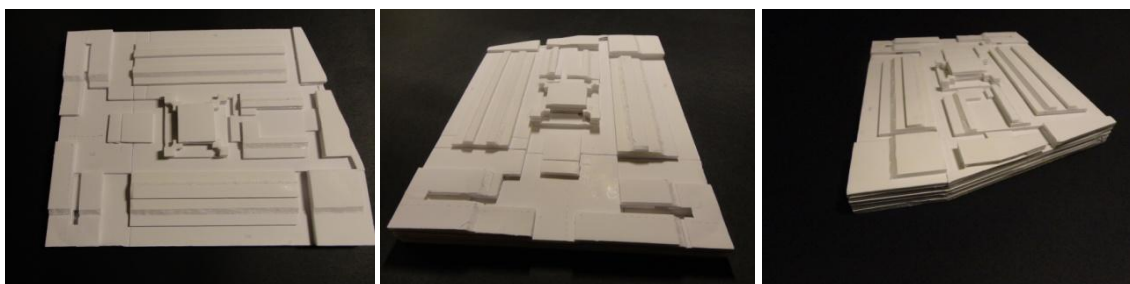
Mimosa.eu [Em linha]. [Consult. Julho 2013]. Disponível em: http://www.mimosa.eu/images/9992_1.jpg

ANEXOS

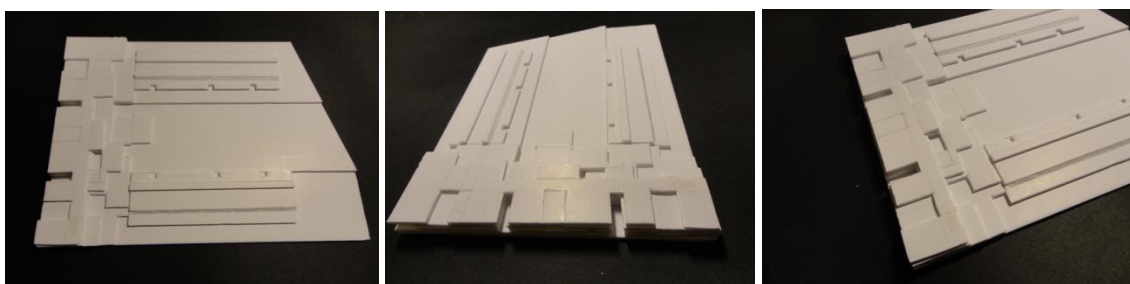
1. Maquetas de estudo



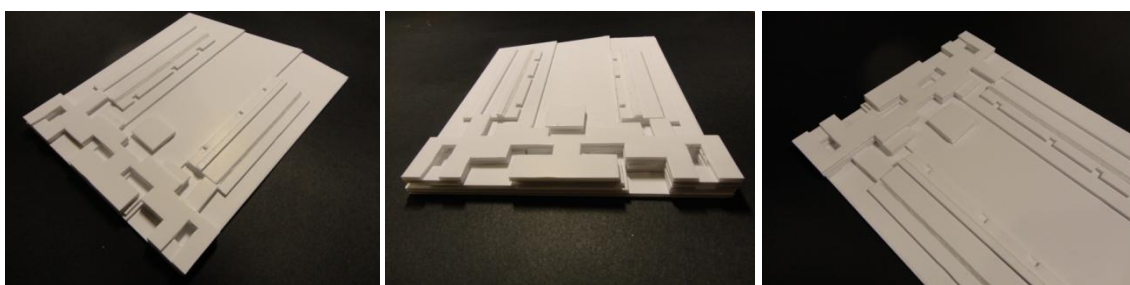
Escala 1/2000



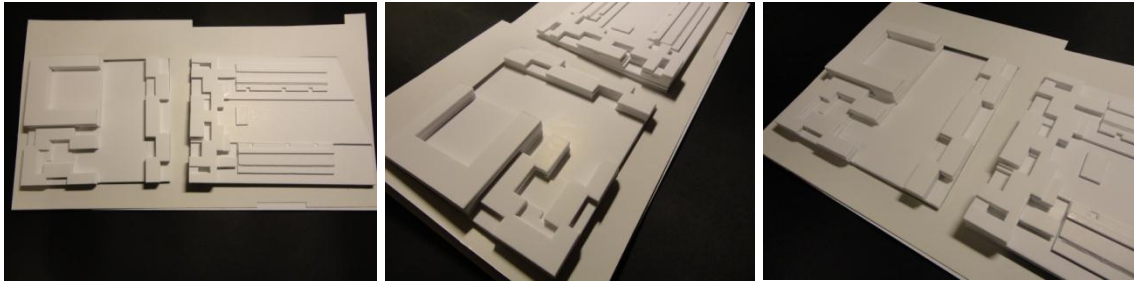
Escala 1/1000



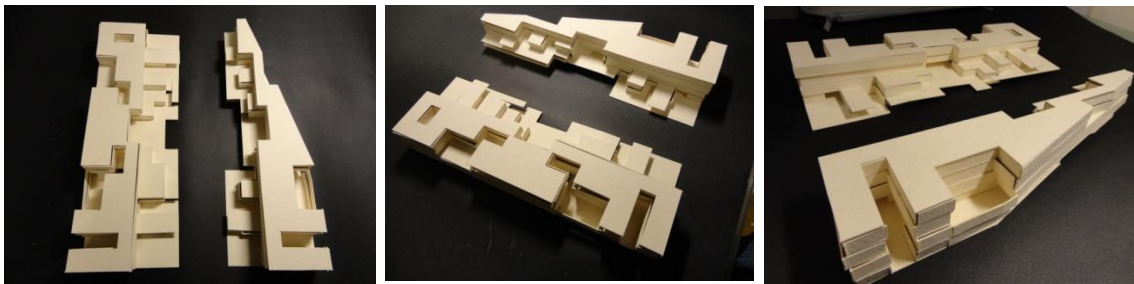
Escala 1/1000



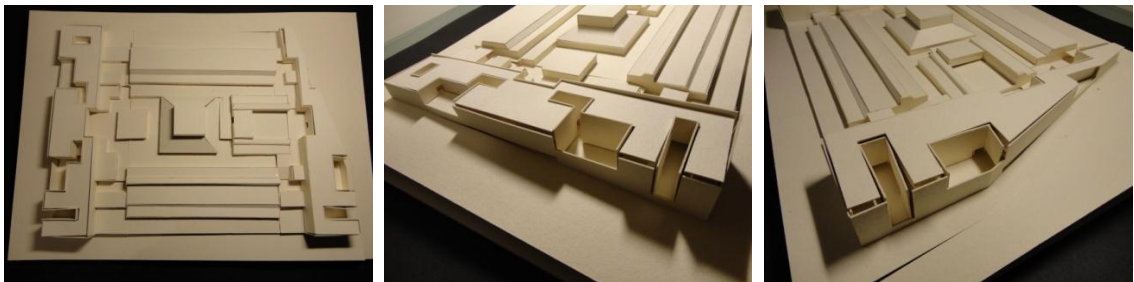
Escala 1/1000



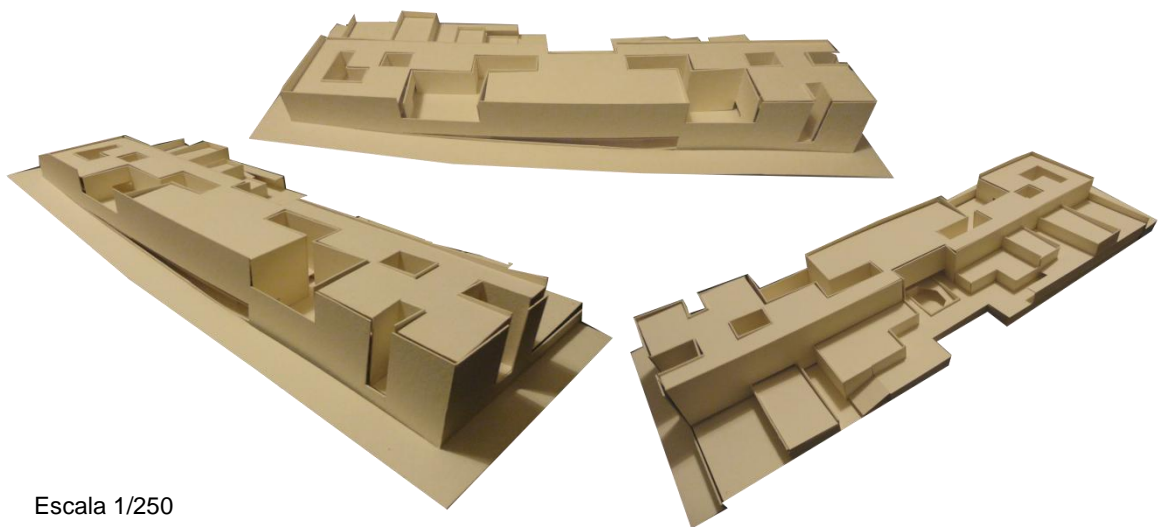
Escala 1/1000



Escala 1/500



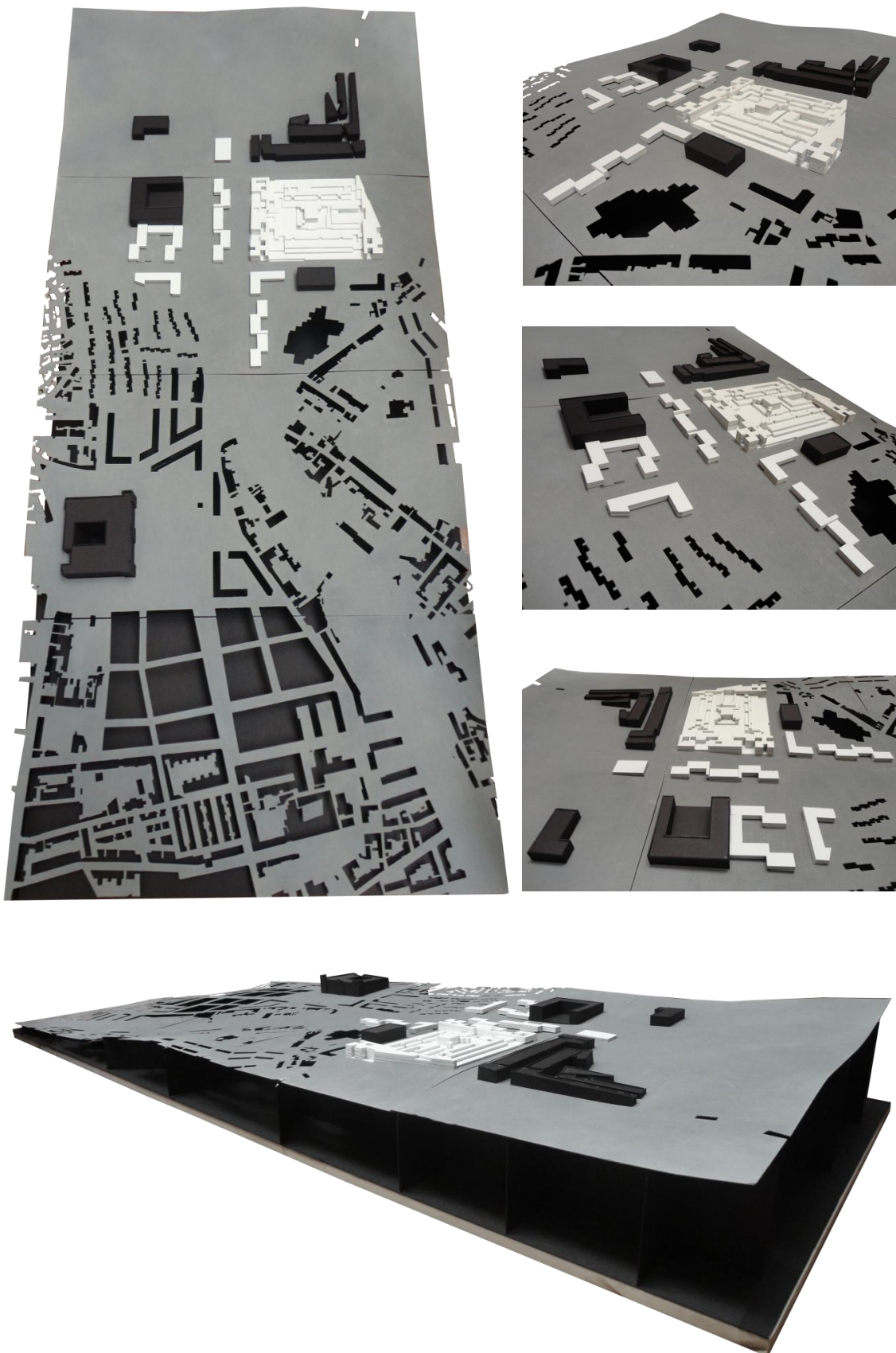
Escala 1/500



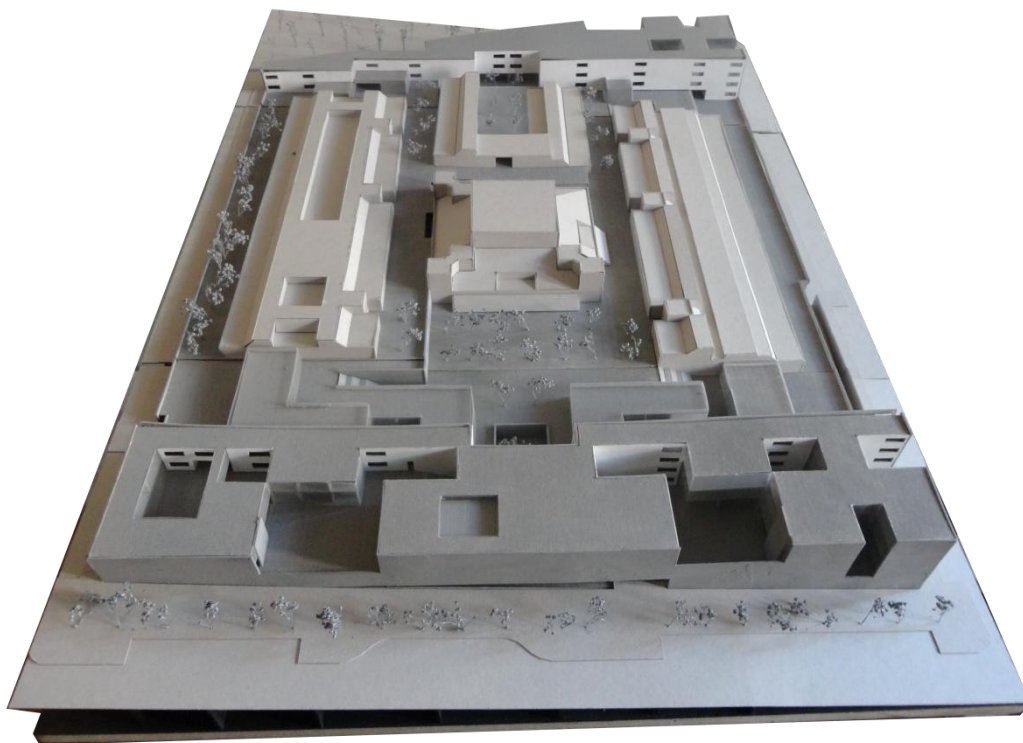
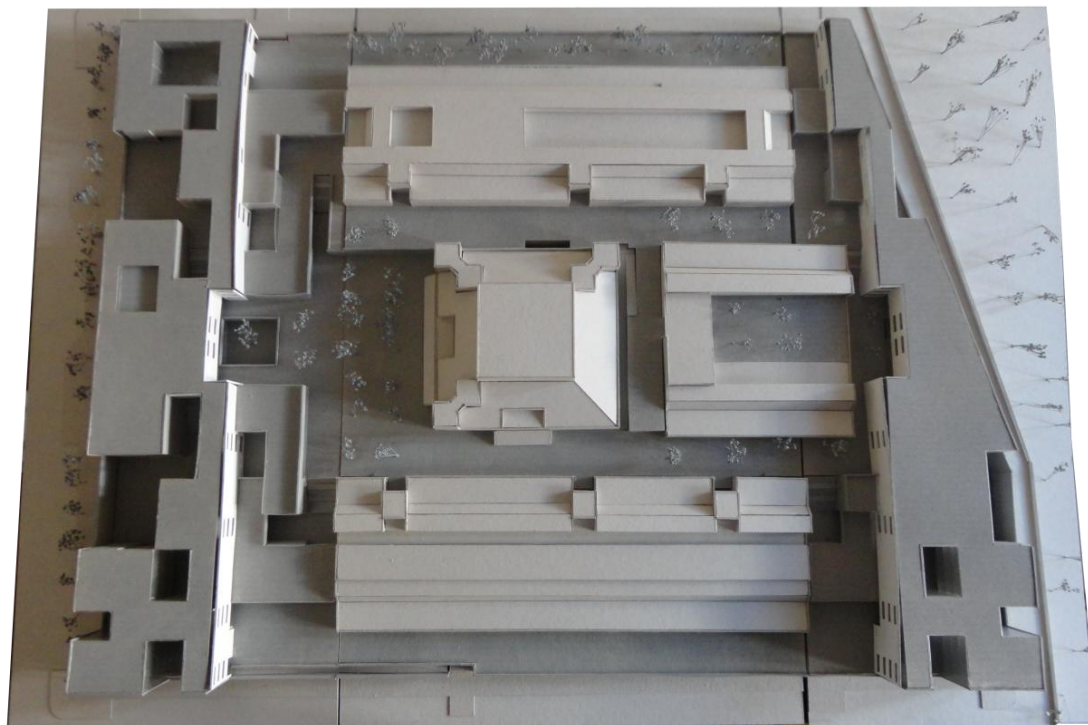
Escala 1/250

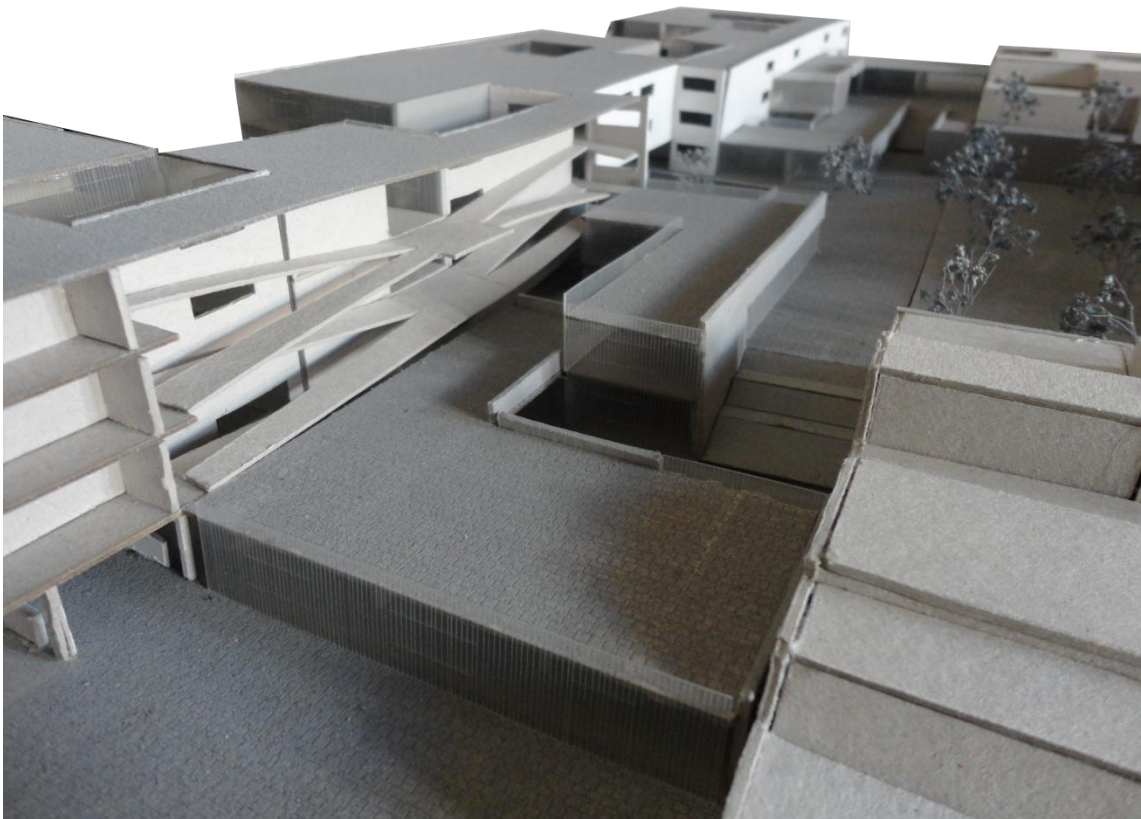
2. Maquetas finais

2.1. Proposta Urbana - Escala 1/1000



2.2. Proposta Arquitectónica - Escala 1/250





Conteúdo	Escala	Painel
Diagramas		1
Proposta Urbana	1/2000 1/1000	2
Planta à cota 103	1/250	3
Planta à cota 106	1/250	4
Planta à cota 110	1/250	5
Planta à cota 114	1/250	6
Planta à cota 118	1/250	7
Planta de Cobertura	1/250	8
Alçado Oeste e Este e Cortes	1/250	9
Alçado Norte e Sul e Cortes	1/250	10
Auditório (Planta e Cortes)	1/50	11
Construção Tipo	1/20	12
Pormenores Construtivos	1/5	13
Argumentação Visual		14